

Coqueiral de Aracruz: Histórias que Contam a História

LUIZA MEDINA



Título Original: Coqueiral de Aracruz: Histórias que contam a história

Segunda edição

Autora: Luiza Medina

Revisora: Andréia Pegoretti

Fotos de capa: Pablo Medina

Arte de capa: Marcos Rosário

Primeira diagramação: Bruno Silveira

Diagramação final: Bruno Silveira

Editor: Gilberto Medeiros

Editora: Praia Editora

#aldirblancaracruz #emergênciaculturalaracruz #fmcaracruz #turismoculturaaracruz
#prefeituraaracruz #cmpcaaracruz



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Medina, Luiza Bressanelli

Coqueiral de Aracruz [livro eletrônico] :

Histórias que contam a história / Luiza Bressanelli

Medina. -- 2. ed. -- Vila Velha, ES : Praia Editora,
2021.

PDF

ISBN 978-65-86888-03-4

1. Coqueiral de Aracruz (ES) - História 2.

Espírito Santo (ES) - Descrição 3. História do Brasil

I. Título.

21-64377

CDD-981

Índices para catálogo sistemático:

1. História do Brasil 981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

Apresentação	9
Prefácio	13
01. Entrevistados	19
02. O Planejamento do bairro	25
03. Os pioneiros	43
04. Infraestrutura	47
05. Fornecimento de alimentos e materiais	57
06. Comércio	63
07. Cultura e lazer	67
08. Transportes	95
09. Educação	103
10. Segurança	113
11. Saúde	121
12. Economia	127
13. Paisagismo	133
14. O futuro do bairro	139
15. Conclusão	147

À minha mãe, que sempre esteve comigo em todos os momentos, foi algumas vezes minha motorista, sempre amiga e companheira. Era ela a quem eu recorria nas horas de dúvida sobre algumas informações.

Ao meu pai, que, com sua paciência, ajudou-me no trabalho, incentivando-me e indicando-me fontes.

Aos meus irmãos, pelo apoio e pelo incentivo em fazer o livro:

Pablo Medina, meu irmão mais velho, com sua experiência em fotografia que muito me ajudou, sendo ele o responsável pelas fotos da capa; e Eduardo Medina, meu irmão gêmeo, por estar sempre ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço com todo carinho:

A todos os moradores que foram entrevistados pela atenção e contribuição com suas histórias para a realização deste livro;

À minha mãe que sempre esteve comigo em todos os momentos, foi em alguns momentos minha motorista, amiga e companheira. Era ela quem eu procurava nas horas de dúvida sobre algumas informações;

Ao meu pai que com sua paciência me ajudou no trabalho me incentivando e indicando fontes;

Aos meus irmãos pelo apoio e incentivo em fazer o livro. Pablo Medina, meu irmão mais velho, com sua experiência em fotografia muito me ajudou, foi ele o responsável pelas fotos da capa e Eduardo Medina, meu irmão gêmeo por estar sempre ao meu lado;

Ao meu namorado, Lauro Pitanga, pelo apoio e também contribuição de ideia para acrescentar na atualização;

Ao diagramador Bruno Silveira, que com a sua criatividade, conseguiu colocar minhas ideias no projeto e o tornou realidade;

Ao criador da arte da capa, Marcos Rosário, amigo antigo dos meus pais e me ajudou com o seu sucesso e especialidade na arte de criar;

A todos os meus amigos e colegas que colaboraram com palpites do que poderia ser melhorado, me apoiaram, incentivaram e torceram desde o início em que disse que faria um livro sobre o bairro.



Apresentação

Histórias. Você vai conhecer agora as histórias de 25 moradores de diferentes idades que residem no bairro Coqueiral de Aracruz, no município capixaba de Aracruz. Alguns residem no bairro desde o início, alguns chegaram há pouco tempo e outros são “filhos de Coqueiral”, cresceram, foram estudar fora e retornaram ao bairro. São essas histórias que escreveram esse livro. Relatos que se entrelaçam para contar a história desse bairro, que, para muitos, é caracterizado como um bairro tranquilo, ainda seguro e bom para se morar.

Para quem não sabe, Coqueiral de Aracruz foi construído para os moradores que trabalhavam na fábrica Aracruz Celulose. Eles tinham que ter um lugar para os trabalhadores, que chegariam de diferentes estados do Brasil e até mesmo de outros países, sem ter onde ficar. A construção começou em 1975, e foi finalizada em 1978. Em 2021, Coqueiral completa 43 anos de existência.

Ao longo do livro são abordadas questões como as dificuldades dos moradores no início de funcionamento do bairro. Apesar de ter sido planejado, para se tornar o que é hoje, com uma boa infraestrutura, sem dependência da empresa, como era antigamente, os primeiros moradores batalharam muito. E isso será possível ler ao longo do livro, principalmente nos primeiros capítulos.

Costumo falar que Coqueiral é a minha casa, o meu bairro. Passei a minha infância e adolescência nele. Tenho orgulho de falar que vim de Coqueiral quando perguntam minha origem. Algumas pessoas não conhecem, e perguntam: Coqueiral de Itaparica? Eu digo: Não, Coqueiral de Aracruz. Fica no litoral norte do Espírito Santo e é um bairro muito bom para se morar, é tranquilo, está cercado por mata atlântica, tem praia próxima, dois clubes bons, e uma infraestrutura com centro comercial e boas escolas.

Falo bem, e quem conhece sabe que é assim, e quem não conhece tem vontade de visitar. Algumas pessoas costumam comparar Coqueiral a cidades europeias ou americanas, porque as casas quando pertenciam à Aracruz Celulose eram do mesmo padrão, todas branquinhas e com muro baixo, como em muitos bairros de cidades americanas, canadenses e europeias.

Mas nem tudo foi sempre ou continua maravilhoso. A cada momento, as famílias do bairro passaram por diferentes dificuldades e desafios. Hoje é possível até rir das dificuldades com a balsa necessária para a travessia de carros, da falta de suprimentos para comprar e da falta de opção de lazer e cultura. Como também é possível perceber como esses

anos foram marcantes e significantes na vida de cada um.

Esse é o verdadeiro assunto desse livro. Contar a história do bairro contando um pouco da história de cada um.



Prefácio

Quem visita ou vem morar no bairro Coqueiral, em Aracruz, com suas casas bem cuidadas e ajardinadas, suas ruas limpas e bem traçadas, suas praças, seu comércio, suas escolas, suas áreas verdes e, sobretudo, sua aparente tranquilidade, não se dá conta de quão complicado foi nosso começo. É difícil de acreditar que nem sempre tivemos a organização e a beleza hoje observadas pelos visitantes e novos moradores. No entanto, nós, os pioneiros, tivemos que suportar a um começo bastante complicado!

Luiza Medina, jovem estudante de jornalismo, resolveu tomar para si uma ousada tarefa: escrever a história desse bairro, local onde passou a infância e a adolescência. Louvo a iniciativa de Luiza, pois confesso que gostaria de tê-la escrito eu mesmo. Bom, como vocês terão a oportunidade de verificar ao longo do trabalho, Coqueiral tem uma história interessante e peculiar – diferente do que habitualmente acontece quando há o surgimento, o crescimento e a consolidação de novos bairros. O mais comum é que a comunidade surja espontaneamente em periferias de cidades, sem planejamento e sem a infraestrutura mínima necessária. Felizmente, em Coqueiral a coisa foi diferente: houve planejamento e execução competente!

As dificuldades observadas nos relatos ao longo do livro, principalmente a partir do depoimento de moradores mais antigos, devem-se principalmente à urgência de mudança dos primeiros moradores: viemos para um local ainda em construção, praticamente no meio da nada! É evidente que, com o passar do tempo, os fatos tendem a ficar um tanto romanceados, considerando-se que é comum aumentar-se um pouco os detalhes a cada vez que contamos e recontamos uma história: procuramos valorizar e dar colorido extra a fatos corriqueiros e aparentemente sem importância. Fazer o que? É assim que as coisas acontecem e as histórias são criadas e repassadas.

A realidade é que, apesar dos percalços iniciais, Coqueiral consolidou-se e tornou-se um local aprazível e em condições de se ter uma vida tranquila e razoavelmente confortável, com comércio variado, transportes, escolas, clínica médica e bons restaurantes, entre outras coisas.

Resumidamente, as principais dificuldades abordadas no texto de Luiza, foram: *as péssimas condições das ruas do bairro, as estradas intransitáveis para Vitória e Aracruz, as pontes de madeira ao longo do caminho, a travessia precária do Rio Piraqueaçu por meio de balsas, a falta de víveres alimentícios e material de limpeza, a dificuldade para se chegar a Vitória, e a falta de assistência médica no Coqueiral e, até mesmo, em Aracruz, entre outras coisas do gênero.*

No entanto, não há muito que reclamar, embora as dificuldades fossem significativas a princípio, a Aracruz Celulose, por meio da SANTUR (Santa Cruz Urbanizadora), procurava sempre adotar as iniciativas adequadas para amenizar os problemas, fazendo com que as dificuldades começassem a se tornar aceitáveis.

Quanto ao ensino também não há o que reclamar: a Aracruz cuidou para que nossas crianças recebessem educação adequada. A “Escola Ativa do Coqueiral” apresentava grade escolar e professores que não deixavam nada a desejar em comparação com escolas de centros avançados, principalmente as de Vitória. Quanto às escolas de Aracruz, então nem se fala: essas ficavam longe!

Outro aspecto digno de nota é que quando as dificuldades ainda eram grandes, os que aqui chegavam – profissionais de várias localidades do Brasil e exterior – buscavam manter-se unidos e solidários. Além de gaúchos, cariocas, paulista e nordestinos, entre outros, havia suecos, finlandeses, portugueses, argentinos e chilenos, e de muitas outras nacionalidades. E todos se confraternizavam, procuravam ajudar uns aos outros, se visitavam nos fins de semana e se encontravam na praia da Sauna e no Clube da Orla, quando de sua inauguração.

O Clube da Orla é um caso à parte. Desde sua inauguração tornou-se local de encontro nos fins de semana e nas tardes após o trabalho. Além das quadras esportivas, suas instalações de bom gosto e ambiente acolhedor faziam com que nos sentíssemos confortáveis entre os novos amigos. As festas organizadas com apoio da Aracruz Celulose, principalmente as de cunho temático, foram memoráveis: tivemos festa sueca, festa portuguesa, festa argentina, festa chilena e festa gaúcha, entre outras. Sempre com comidas, decoração e músicas típicas.

Bom, com o passar dos anos Coqueiral foi se desenvolvendo e se transformando para melhor: hoje já não há mais a balsa, a travessia do Piraqueaçu é realizada por meio de uma ponte; o comércio atende nossas necessidades básicas; temos clínica médica, dentistas e outros profissionais liberais; as ruas e praças são limpas e bem cuidadas. Além disso, nossas idas a Vitória ficaram muito mais fáceis. No entanto, como o “progresso” nem sempre conduz a coisas positivas, passamos também a ter menos segurança; as drogas já rondam nossos filhos; e o tráfego de automóveis aumentou sobremaneira. Outro aspecto negativo a considerar é a pressão de bairros vizinhos que vivem praticamente como satélites do Coqueiral e sobrecarregam seu comércio e suas vias de trânsito. Pra piorar as coisas, alguns desses bairros vizinhos chegaram a por em risco

a segurança do bairro devido à frequência de pessoas desconhecidas e nem sempre bem-vindas.

No momento estamos chegando a um impasse. Com a venda dos imóveis pela Aracruz Celulose, hoje Fibria, com o impacto causado pela chegada de novas empresas e empreendimentos na região, com a chegada de profissionais liberais e com a pressão das grandes construtoras, Coqueiral corre o risco de perder sua tranquilidade característica. Chegou a hora de decidir se continuamos a manter as condições bucólicas de cidade do interior, ou se permitimos um desenvolvimento desenfreado e a especulação imobiliária. Evidentemente, como sempre, existem partidários das duas correntes: os “conservadores”, que preferem manter o status quo e os “progressistas”, que preferem uma expansão generalizada, com aumento de moradias e comércio, entre outras coisas. Não sabemos no que tudo isso vai dar. Só o futuro dirá!

Luiza, a jovem escritora, será uma das que herdarão um Coqueiral que, espero, seja melhor ou, no mínimo, tão bom como o atual.

Paulo Cesar Guimarães



Carlos Aguiar



Carlos Goicocheia



Carlos Mathias



*Creusa Oliveira e
Marcos Pereira*



Rose Costa



*Mágda Maria
Barcellos da Costa*



David Nascimento



Rose Garcia

Márcio Goicocheia



Herval Pizzol



*Paulo César
Guimarães*



João Moreira



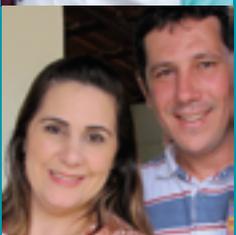
Roberico Loyola



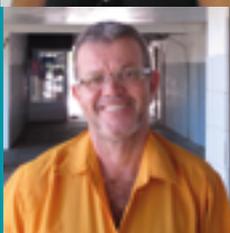
Licia Lucas

*Paulo César
Guimarães*

Rodrigo e Grazi



Pedro Araujo



*Marcus Alberto
Malta*



Maria Luiza Folli



Priscila Srebro



*Sebastião de
Oliveira da Silva*

*Marcus Alberto
Malta*

Ana Paula Carmo



01. Entrevistados



*Lucília
Bressaneli Medina
e Samuel
Medina Poblete*

A história de Coqueiral de Aracruz registrada neste livro é baseada em memórias e observações de antigos moradores que vivenciaram o surgimento, crescimento e consolidação do bairro, bem como em percepções da própria autora, filha de Samuel Medina Poblete e Lucilia Bressaneli Medina. Para a composição do trabalho, Luiza Medina teve a chance de entrevistar alguns desses moradores, conforme a seguir:

Lucilia Bressaneli Medina é minha mãe e foi uma das primeiras pessoas a ingressar na área industrial da Aracruz Celulose (que posteriormente se transformou em Fibria e, em seguida, em Suzano). Trabalhou no setor de Recursos Humanos (RH) da empresa, onde se tornou conhecida pela maioria dos empregados. Alguns profissionais, como Paulo César Guimarães e Carlos Goicocheia, recordam-se das entrevistas de admissão realizadas por ela e sua equipe. Meu pai, **Samuel Medina Poblete**, chegou ao bairro no mesmo ano que minha mãe: 1977. Ele, chileno, veio de São Paulo e foi também entrevistado por ela para trabalhar na área de Manutenção Elétrica.

Ana Paula Carmo completa, em 2021, 20 anos como moradora do bairro. Ela é paulista e já passou por vários outros lugares do país. Veio para Coqueiral quando começou a trabalhar na Aracruz Celulose (hoje Suzano). Entrou na empresa como trainee e atuou por 14 anos na área de meio ambiente e pesquisa florestal da Aracruz Celulose. Ana Paula já foi presidente da Associação de Moradores (Amoc) e também participa de projetos voluntários do bairro como Biblioteca Livre.

Carlos Augusto Lira Aguiar, conhecido como Aguiar, foi presidente da Aracruz Celulose por 11 anos e membro do Conselho de Administração da Fibria. Embora tenha chegado com sua família a Coqueiral em 1981, quando o período de pioneirismo do bairro já havia passado, a situação continuava complicada. Aguiar ressaltou, quando a primeira edição do livro foi lançada, que a Aracruz Celulose cresceu cinco vezes mais entre 1980 e 2015.

Carlos Jones Goicocheia é gaúcho e foi um dos pioneiros do bairro. Chegou a Coqueiral em fevereiro de 1977 e trabalhou na área de RH da fábrica, onde foi gerente. Hoje aposentado e empresário bem-sucedido, ainda reside em Coqueiral. É pai de Márcio e Marcelo, dois homens que cresceram no bairro.

Carlos Mathias Müller mudou-se para o bairro em agosto de 1978. Ele contou durante a entrevista que um dia sua mãe, ao vê-lo chegar à casa dela e pegar uma mala, perguntou: “Você vai pra onde?”. E ele respondeu: “Vou me mudar para Aracruz, vou morar lá”. Foi então que

veio para Coqueiral e passou a morar por algum tempo no alojamento da fábrica. Mathias reside no bairro até hoje com sua esposa, Nora, está aposentado e trabalhou por muitos anos na Aracruz Celulose e Fibria (hoje, Suzano).

Creusa Correia de Oliveira dos Santos trabalhou aproximadamente uma década em minha casa, em Coqueiral, desde os meus 4 até os 14-15 anos. Sempre foi amiga da minha família, e eu era muito chegada à sua. Entrevistei Creusa e seu marido, **Marcos Pereira**, no mesmo dia. Eles têm quatro filhos: Marcus Vinícius (30), Alexandra (29), a quem chamo de “Lelê”, Gustavo (24) e Amanda (21). Creusa e Marcos vieram para Coqueiral em 1991.

David Dias Nascimento trabalhava em uma empresa petroquímica em Camaçari (BA) antes de vir para Coqueiral. Foi também um dos pioneiros, tendo chegado ao bairro em maio de 1977, quando a fábrica da Aracruz Celulose estava em fase de montagem.

Herval Luiz Pizzol chegou a Coqueiral em 1976 e foi supervisor administrativo da área de Infraestrutura da fábrica. Quando eu o entrevistei, ele estava aposentado e morava em um sítio localizado em Santa Cruz, que fica próximo de Coqueiral. Ele morou por bastante tempo no bairro e contou muitas histórias em seus relatos. Herval faleceu em 4 de maio de 2016 e deixou a esposa, Simone, três filhas e uma neta.

João Moreira foi funcionário da Aracruz Celulose e trabalhou como analista de Armazenagem na Fibria (hoje Suzano). Moreira conta que iniciou trabalhando na construção da Portocel em 1976 e, desde então, vive no bairro. Logo que o porto ficou pronto, deixou a empreiteira em que trabalhava, pois preferiu ficar por aqui. Foi então que, em 1978, a Aracruz Celulose contratou-o para trabalhar na Santur. João contou que já “mexeu” com cinema no Coqueiral.

Licia Lucas Cantarella atuou na área de Sustentabilidade da Fibria (hoje Suzano). Começou a trabalhar no escritório que a Aracruz Celulose mantinha na Reta da Penha, em Vitória, exercendo suas atividades na assessoria de Comunicação Social. Ela veio em 1988 para Coqueiral, onde criou seus dois filhos e permanece até hoje.

Magda Maria Barcellos era a presidente da Associação dos Moradores de Coqueiral (Amoc) em 2013, quando fiz a primeira edição do livro. Ela havia sido reeleita como presidente e estava no primeiro ano do segundo mandato. Relatou durante a entrevista algumas ações realizadas pela Amoc para manter o bairro atraente e seguro. Também na época da primeira edição, Magda era diretora da Escola Estadual de Ensino Fun-

damental e Médio “Primo Bitti”, anteriormente chamada de Escola de 1º grau Coqueiral, na década de 1990.

Maria Luiza Pervidor Dias Folli foi uma das primeiras dentistas do bairro. Desde 1978, vinha de Vitória durante a semana para trabalhar no consultório de uma colega. Segundo Maria Luiza, Coqueiral foi “amor à primeira vista!”. Hoje ela ainda mora em Coqueiral com o seu marido e é amiga e dentista da família.

Márcio Goicocheia, filho de Carlos Goicocheia, um dos pioneiros, chegou ainda criança ao bairro. Estudou na Escola Ativa, quando a instituição funcionava no Torre da Praia, e passou por várias mudanças: da Escola Ativa do Torre da Praia para a escola provisória (uma estrutura de madeira localizada na atual Praça da Amizade) e depois para a escola definitiva, onde mais tarde seria o Colégio Pitágoras e hoje funciona o Colégio Darwin. Ele considera simbólicas as passagens da estrutura de madeira para a outra em alvenaria e da Escola Ativa para o Pitágoras.

Marcus Alberto Malta era proprietário de um açougue no Centro Comercial em Coqueiral. Veio de Santa Catarina há mais de 30 anos para passar férias na casa de sua mãe em Linhares. Depois de algum tempo na região, conseguiu emprego como segurança no bairro, onde reside até hoje com a sua família.

Paulo César Guimarães, também um dos pioneiros, foi gerente de Serviços Técnicos Industriais na Aracruz Celulose. Ele está em Coqueiral desde 1977, quando chegou com a sua simpática esposa, Leila. Por conta de uma nova oportunidade de trabalho, eles passaram um tempo fora do bairro, mas retornaram em 1991 e nele residem até hoje. Paulo César é aposentado e tem o filho, a nora e uma neta também morando em Coqueiral.

Pedro Araújo é um adolescente de 21 anos. Eu o chamo de Pedrinho porque o conheci quando ele era “pequeno”. Ele adora a natureza! Cresceu em Coqueiral e chegou a estudar no Colégio Pitágoras. Seu pai, Adilson, conhecido como “Adilson”, é professor de Educação Física desde os tempos da Escola Ativa. Adilson, que foi meu professor no Colégio Pitágoras por bastante tempo, atualmente trabalha no Colégio Darwin, onde Pedrinho estuda.

Roberico Rangel Loyola trabalhou no escritório da Aracruz Celulose em Vitória, de onde saiu a fim de vir para Coqueiral. “Seu Roberico” ajudou na construção do bairro e foi um dos primeiros funcionários do Clube da Orla, onde trabalha até hoje como porteiro. Ele é conhecido por muitos moradores, principalmente pelos pioneiros.

Rodrigo Elias é um dos moradores que nasceu em Coqueiral. Ele e sua esposa, **Graziela Frigini** de João Neiva, mudaram-se para Coqueiral em janeiro de 2011. Graziela declarou que sempre foi encantada pelo bairro. O casal tem duas filhas: Melissa e Rebeca. Hoje, eles acham que não há lugar melhor do que Coqueiral para criar as filhas.

Rose Garcia é corretora de imóveis no bairro há mais de 20 anos. Foi a primeira corretora do município. Morava em Vitória e se mudou para Coqueiral em 1985, quando se casou com um funcionário da fábrica. Abriu a sua imobiliária em 1993.

Rosemere Paula da Costa Monfardini, mais conhecida como Rose, é uma simpática agente de saúde no bairro. Gosta de teatro e o utiliza em suas atividades profissionais escrevendo e encenando peças de conscientização sobre os cuidados com a saúde. É moradora de Coqueiral desde seu início. Também estudou na Escola Ativa quando ele ainda funcionava no Torre da Praia e frequentou a escola pública local, cujo ensino considera de excelente qualidade.

Sebastião de Oliveira da Silva, mais conhecido como “Tião” por muitos moradores, entrou na Aracruz Celulose (hoje Suzano), em janeiro de 1979. Em 1980, casou-se e mudou-se para o bairro. Ele ama o bairro por ser um lugar tranquilo, onde fez muitos amigos e criou os três filhos. Tião foi um dos idealizadores do atual parquinho que há hoje na Praça da Amizade.





02. O Planejamento do bairro

A ARACRUZ FLORESTAL FOI IMPLANTADA EM 1967

Naquele ano, iniciou-se o plantio das primeiras florestas de eucalipto no município de Aracruz.

Em 1975, começou a construção da primeira unidade fabril, hoje Fábrica A, cujo objetivo operacional era a produção de celulose de fibra curta. A implantação da fábrica exigiu o recrutamento de pessoal especializado em número elevado.

Considerando-se que a infraestrutura do município não oferecia condições para absorver as famílias, surgiu a necessidade premente de criar uma estrutura para recebê-las e abrigá-las. Dessa forma, em 1976, teve início a construção do bairro do Coqueiral pela hoje extinta Santa Cruz Urbanizadora S/A (Santur), subsidiária do Grupo Aracruz, quando então começaram a chegar os primeiros operários e engenheiros.





SANTA CRUZ URBANIZADORA S.A.

OBRA: CONSTRUÇÃO DE 20 (Vinte) CASAS TIPO B-1

LOCAL: PRAIA DE COQUEIRAL

PREÇO: CR\$ 6.700.000,00

PRAZO: 4 MESES

engecor



engenharia-comércio representações s.a.

AV. ALBERTO DE OLIVEIRA SANTOS, 51 - Q. 505 - TEL. 3.744 - 47086 (11)

ENR. RESPONSÁVEL:

CARLOS HUGO NEGREIROS

CREA 079632-2-0-18242

A CONSTRUÇÃO DO BAIRRO

Tudo começou com a chegada dos primeiros trabalhadores e engenheiros ao bairro.

Erling Lorentz, considerado por muitos como o “pai de Coqueiral”, era o presidente do Conselho de Administração da Aracruz Celulose e escolheu Coqueiral por ser um lugar estratégico: fácil acesso à fábrica e a outros lugares como Aracruz, Vitória e demais localidades da região.

Por mais que as condições das estradas na época fossem precárias, Coqueiral ainda seria o refúgio ideal para as famílias: ficava a 15 km da fábrica, a 22 km de Aracruz e a 60 km de Vitória.





COQUEIRAL - década 80 - CEDOC Fibria



*Construção do Bairro Coqueiral -
Cedoc Fibria*



COQUEIRAL - 4 - década 80 - Cedoc Fibria



*Coqueiral Década 90 Arquivo Clube da
Orla*



*Rua Robusta - primeira rua do bairro
construída para os estrangeiros -
Arquivo Cedoc Fibria*



Construção da Rua Jatobás - primeiras casas - Cedoc Fibria



Torre da praia - arquivo Carlos Goicocheia



Rua Jatobás - Cedoc Fibria



Telest - Cedoc Fibria



Início da construção do bairro Coqueiral de Aracruz - Rua Jatobás-Arquivo Cedoc Fibria



*Casa da Jatobás sem muro -
Arquivo Creusa Oliveira*



Casas sem muro - arquivo João Moreira



*Casas sem muro com crianças livres
no quintal - arquivo João Moreira*



Casa branca e sem muro - Arquivo Cedoc Fibria



Coqueiral - Arquivo



Foto aérea do bairro - Arquivo Cedoc Fibria



Completa alteração da configuração original de uma casa C-2



Colocação de gradeado na frente de casa C-2



Construção de muro em casa C-2



Reforma geral casa A-2



Preparação para construção em uma casa C-2



Modificação completa em casa C-1



2 casas C-1 em reforma sendo uma com alteração da frente original



Rua Ipês - vários montes de entulhos provenientes de obras nas casas



Casa tipo D - construção de 2º piso



Construção de muro em casa C-2



Modificação completa fachada e interior casa B-2



Colocação de muro casa B-2



Colocação de muro casa B-2



Muro e mudança fachada casa B-3



Colocação do muro casa B-3



Comparação de fachada com casa abaixo



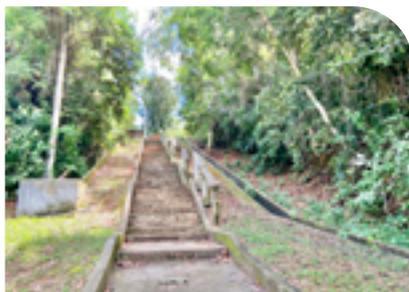
Mudança completa na fachada e telhado da casa C-2



Alteração na cor externa da casa C-2



Coqueiral - foto recente da vista aérea do trevo - Foto Divulgação



Escadaria da Sapolândia



Início do Bairro Novo



Início da subida de acesso para a Sapolândia



Subida de uma das entradas do bairro

Com apoio de empresas especializadas em urbanização, o bairro foi planejado para atender às principais necessidades dos moradores, mesmo levando-se em consideração as distâncias envolvidas e as péssimas condições das estradas para Vitória e Aracruz. Por uma questão hierárquica, as casas foram planejadas em quatro diferentes níveis.

Embora o planejamento tenha sido bem elaborado e a construção, conduzida conforme o planejado, a necessidade imediata de mão de obra qualificada para a edificação da fábrica fez com que os primeiros moradores ocupassem as casas com o bairro ainda em condições precárias ou que residissem provisoriamente em hotéis e pousadas da região.

A empresa responsável pela construção do bairro, Santur, teve muitos problemas no início, conforme se pode ver pelos testemunhos de alguns pioneiros, a seguir:

“Eu trabalho aqui no bairro desde 1975. Nesse ano, a gente começou a fazer os desmatamentos para fazer a construção do bairro. Na época que cheguei, só existia mata. Essas estradas que hoje estão asfaltadas eram todas estradas de chão”, disse Roberico Rangel, orgulhoso.

Roberico comentou ainda que a obra do bairro começou em meados de 1976:

“Depois que a gente construiu o bairro, já foram chegando as pessoas, os moradores, os engenheiros, porque a fábrica já estava sendo construída e já estava funcionando, e entregamos o bairro em 1978 para a Aracruz Celulose”.

Muitos dos que vieram para cá antes de a construção do bairro estar finalizada foram morar no Hotel Torre da Praia, que servia de alojamento para os primeiros funcionários, ou em cidades próximas, como na Serra (em Nova Almeida ou em Jacaraípe).

Carlos Goicocheia, um dos pioneiros, contou como era o bairro naquela época:

“A região não tinha infraestrutura de moradia e residências num espaço próximo à fábrica, e a construção de Coqueiral foi uma forma que a empresa encontrou de atrair mão de obra especializada. Porque, se não conseguisse, a pessoa iria morar onde? Para ir a Aracruz, são 22 quilômetros, passando pela estrada dos índios até hoje. Naquela época, era estrada de chão ainda. Para o sentido sul, para Nova Almeida, era tudo estrada de chão com a balsa no meio, o que complicava um pouco mais. Então, o melhor era ter este bairro, que fica a 15 km da fábrica”.

As primeiras casas foram construídas na Rua Robusta, uma das pri-

meiras vias do bairro, e depois na Rua Jatobás, para os funcionários que começavam a chegar. As casas da Rua Robusta, que formavam um conjunto em tijolos aparentes, foram levantadas para aqueles que estavam gerenciando a obra da primeira fábrica da Aracruz, principalmente os finlandeses.

No início, foram feitas 832 unidades habitacionais, divididas para diferentes níveis hierárquicos na fábrica: eram casas nos padrões A, B, C e D.

“De acordo com a função, a pessoa tinha a designação para um tipo de casa dessas”, esclareceu Goicocheia.

As casas “A” foram disponibilizadas para diretores, gerentes e chefes de divisão; as do tipo “B”, para supervisores e encarregados; e as “C” e “D”, para o nível operacional ou executante. As de maior área construídas eram do modelo A, entre 183 e 215 metros quadrados. As de modelo B, C e D eram progressivamente menores. Com a ampliação da fábrica, ocorreu a expansão do bairro, que passou a ter 1.035 residências construídas e distribuídas em distintos tamanhos e padrões de acabamento e duas diferentes localizações, que foram batizadas como Bairro Novo e Sapolândia pelos próprios moradores.

Paulo César Guimarães comentou que as casas com melhores estruturas eram divididas em A1 e A2, B1 e B2. As com quatro dormitórios eram A2; e as com três dormitórios, A1. Mas as casas A eram semelhantes, não havia grande diferença. Depois da venda das casas, houve muitas alterações, e a distinção não ficou mais tão clara.

Paulo César comentou ainda que na época não existiam Bairro Novo, Cohab e Sapolândia nem a área onde hoje está o Supermercado Meridional:

“Nada daquilo ali existia. O bairro terminava onde é a Rua Jatobás, a última da praça. Aliás, não existia quase nada”.

As casas “D”, bem pequenas e com piso de vermelhão, eram destinadas ao pessoal de serviços gerais e serventes: empregados com baixa qualificação profissional. No bairro só moravam empregados da Aracruz Celulose ou Florestal. Quando, em 1994, a empresa colocou os imóveis à venda, seus funcionários tiveram preferência para a compra. As famílias que não tinham vínculo direto com a empresa vieram depois, quando as casas foram vendidas como segunda opção ou revendidas.

“Hoje, quando você olha não vê diferença, porque as pessoas foram construindo e fazendo modificações. Mas, se observarmos bem, quem mora nessas casas praticamente não tem quintal. O quintal deles hoje é muito pequeno porque foi ocupado com construções. Colocaram varanda na frente e área nos fundos, e alguns construíram dois andares. Mas as casas originais eram bem pequenininhas”, declarou Paulo César.

Desde sua concepção, o bairro apresentou características de segregação social.

“O bairro, inclusive, tinha dois clubes: o Clube da Orla e o Clube do Coqueiral, que hoje é o Zincão”, destacou Goicocheia.

Com o projeto da Fábrica B, tornou-se necessária a construção de mais casas para os novos funcionários. Com isso, ocorreu a expansão do bairro para as áreas conhecidas hoje como Bairro Novo ou Mangue Seco e Sapolândia, cujo nome tem a ver com a lagoa localizada nas proximidades, com muitos sapos coaxando, obviamente.

Do mesmo modo, com estabelecimento de loteamentos de terceiros, como as áreas do Vaticano e da Cohab, abriu-se espaço para que pessoas não ligadas diretamente à Aracruz Celulose, além da Prefeitura de Aracruz, construíssem ou adquirissem suas casas.



03. Os pioneiros

Quem conhece Coqueiral hoje, com toda a infraestrutura de bairro independente e com centros comerciais dispondo de supermercados, padarias, lojas de roupas, lojas de artesanato, calçados e utilidades para o lar, farmácias, floricultura e lojas de ferragens, entre outras facilidades, não imagina as dificuldades pelas quais os primeiros moradores passaram.

O local escolhido para a construção do bairro é próximo ao mar, o que servia de atrativo aos que viessem para o projeto. Era bem “interiorano” mesmo, não tinha nada.

“O terreno de Coqueiral era conhecido como Fazenda Gamboa e pertencia aos pais do Primo Bitti, um ex-prefeito de Aracruz, já falecido”, recorda Mathias.

Conforme informado anteriormente, primeiro foram construídas as casas dos engenheiro, “casas de tijolinho” na Rua Robusta. Depois, vieram as outras ruas próximas, como a Trabuti e a Tesselares. Em seguida, foram construídas as casas na Rua Jatobás, destinadas aos demais colaboradores que já começavam a vir trabalhar na Aracruz Celulose.

O planejamento do bairro privilegiou a natureza. Além de estar cercado por áreas de reserva da Mata Atlântica e ter grandes espaços livres, com árvores e gramados, as ruas levam nomes de espécies de eucaliptos e de outras árvores, arbustos ou flores, principalmente da flora nacional.

A região com ruas designadas com nomes de espécies de eucaliptos, onde estão as casas “A” e “B”, é cortada por uma das vias principais: a Avenida dos Eucaliptos. O outro setor, onde estão as casas “C” e “D”, é caracterizado por ruas com nomes de árvores: Acácias, Cedros, Cerejeiras, Ipês, Jacarandás, Jatobás... Nas “penínsulas”, as ruas levam nomes de plantas ou flores: Orquídeas, Hortênsias, Gerânios, Bougainville e Hibiscos.

Devido ao fato de o bairro não ter ficado pronto à época para a sua mudança, Carlos Goicocheia morou em Nova Almeida até setembro de 1977, quando então se transferiu para a Rua Trabuti: foi o primeiro morador da via! Ele diz que uma das primeiras ruas do bairro, a Robusta, foi um conjunto de casas construídas para aqueles que estavam gerenciando a obra da primeira fábrica da Aracruz.

“Quando cheguei ao bairro em 1977, olhei para a minha esposa, Leila, e ela estava com os olhos cheios d’água ao ver a tristeza que era isso aqui. Era realmente de assustar: mais de 5 mil peões trabalhando e uma lamaceira total”, relembrou Paulo César.

Muitos moradores que enfrentaram a fase do pioneirismo residem até hoje no bairro.



04. Infraestructura

Os moradores da fase do pioneirismo relataram que, ao chegarem a Coqueiral, encontraram um bairro sem infraestrutura e totalmente dependente da Aracruz Celulose.

“Quando eu vim para cá, o bairro não existia ainda, a não ser o projeto e a terraplanagem. As casas foram sendo construídas por etapas, iniciando-se pelas moradias destinadas aos técnicos estrangeiros que vinham dar consultoria e acompanhar a obra e a montagem. Depois, foram levantadas as demais”, relatou Pizzol.

No início, o posto de saúde e a escola foram improvisados. Segundo Pizzol:

“A Escola Ativa chegou a funcionar por um tempo no Torre da Praia, e o posto médico era uma casinha no meio do bairro mesmo. A infraestrutura foi crescendo à medida que a empresa ia terminando as casas”.

O Torre da Praia era uma antiga escola de pescadores desativada, localizada próxima ao atual posto da Polícia Rodoviária Estadual e ao Hotel Praia Coqueiral.

A Gerência de Infraestrutura cuidava do abastecimento de água, das barragens, do porto e da construção do bairro.

“Eu participei logo no começo, quando ainda estava na época de algumas atividades complementares. Mas, para a parte de infraestrutura do Coqueiral, foi criada uma gerência específica, que era o Nélio de Paula que gerenciava. E um dos apoiadores na época era o Mathias”, complementou Pizzol.

Foi feito um convênio entre a Aracruz Celulose e o Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) de Aracruz, por meio do qual a fábrica ficava responsável somente pela produção e pelo tratamento de água potável, sendo a distribuição, as redes de esgotamento sanitário e o tratamento de responsabilidade da autarquia municipal.

Por vários anos, o SAAE foi responsável pelo tratamento de água esgoto do bairro. A partir de 2020, a Companhia Espírito Santense de Saneamento (Cesan) assumiu o saneamento e o abastecimento da água em Coqueiral e na orla de Aracruz.

Na época da administração da Aracruz Celulose, a Estação de Tratamento de Água (ETA) era responsável pela coleta e pelo tratamento de toda a água potável consumida no bairro. Hoje, embora não tenha sido dimensionada para tal, a estação também atende ao conjunto da Cohab, Caieiras Velha, Praia dos Padres, Putiri, expansão do Coqueiral e aldeias indígenas Guarani.

Além disso, há o serviço de saneamento básico que atende às necessidades com qualidade. E a energia elétrica foi e continua sendo fornecida pela EDP (antiga Escelsa), sendo a cobrança efetuada diretamente ao usuário do imóvel, por meio de leitura mensal dos quilowatt/hora (kw/h) consumidos do período.

A rede telefônica foi implantada pela antiga Telest, na época com uma Central Telefônica contendo aproximadamente 550 linhas instaladas.

O gás em botijões tinha o abastecimento feito por caminhões das concessionárias distribuidoras, com entregas domiciliares semanais. Em algumas casas, o sistema funciona até hoje.

A coleta de lixo doméstico é de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Aracruz (PMA), que o recolhe diariamente e deposita-o em valões abertos, em terreno distante do bairro e específico para tal fim.

Hoje, a PMA também faz a coleta seletiva de lixo, que é realizada semanalmente, todas as quartas-feiras. A ação é executada de forma simplificada, de modo que é separado apenas o lixo seco.

Após a construção do bairro, a Santur continuou a administrá-lo e a cuidar da limpeza e organização das ruas, praças e jardins. Além disso, zelava pela manutenção das casas sempre que solicitada pelos respectivos moradores. Uma taxa de serviço era cobrada para cada intervenção, desde que não esta tivesse sido ocasionada devido a problemas estruturais.

Atualmente, a Prefeitura Municipal de Aracruz é quem está responsável por manter o cuidado do bairro. O que muitos moradores sentem, principalmente os mais antigos, é a falta de atenção da Prefeitura com o bairro. Por exemplo: citam que não há cuidado com o paisagismo de Coqueiral, situação bem diferente de quando a manutenção era feita pela Aracruz Celulose, que o mantinha sempre preservado.

Rodrigo Elias recorda:

“A história da minha família aqui no bairro de Coqueiral começou em 1977, com a chegada do meu avô Valdemar Neres, que foi convidado pelo Miguel Celaya para trabalhar na Aracruz. Na sequência, meu avô trouxe meu pai para trabalhar também na fábrica. A gente veio de São Paulo. Eu morava em Santa Rosa e cheguei a Coqueiral com dois anos e meio.”

Para complementar, ele destaca que no início o bairro não tinha a infraestrutura de que dispõe hoje:

“Só quem viveu aqui no início sabe como eram as coisas. Mesmo você morando em Coqueiral, não tinha estrutura para ir a Vitória. Mas, quando você chegava de carro, subindo o bairro, parecia que você estava entrando em um

mundo dos sonhos! Parecia que era uma região europeia. Parecia que você estava mudando de hemisfério, saindo do Hemisfério Sul para o Hemisfério Norte, de tão diferente que eram as coisas.”

(...) COMO TUDO COMEÇOU

Mathias nos auxilia ainda recordando um pouco a história da construção do bairro.

“Naquela época, chovia muito, e a estrada não andava. Havia pouco recurso, a empresa estava ajudando nas indenizações porque o problema da estrada era indenização! A estrada passava ali por dentro da Praia dos Padres. Tinha um monte de curva, e tinha que indenizar um monte de gente para ficar com o trajeto mais seguro, né?! Mexemos nesse trecho até dezembro de 1979, quando a empresa queria contratar um topógrafo e queria um topógrafo formado. Então consultou a empresa em que eu trabalhava lá em Vitória, e o único topógrafo que tinha diploma era eu, pela Escola Técnica. Indicaram-me e eu entrei na Santur, porque a empresa precisava de um topógrafo para acabar a urbanização do bairro. As casas já estavam prontas, mas faltava calçar as ruas de Coqueiral. Drenagem, esgoto e o campo de futebol no Zincão, que ainda não tinha, fui eu que loquei. Fiz os calçamentos de todas as ruas e marquei aquele loteamento de terceiros onde tem o supermercado Meridional, porque não tinha nada ali quando eu comecei a marcar. Inclusive, o primeiro lote que eu vendi ali foi do Plínio, atrás do Meridional. Estava locando lá e perguntei a um conhecido: ‘Ô, Plínio, por que você não compra um lote aqui?’ Aí ele foi lá e comprou ali atrás do Meridional, que era mais em conta. Naquela época, só tinha o posto de gasolina e a garagem da empresa VIX. O resto, depois, eu loquei tudo, e a empresa vendeu para terceiros, e aí começou a virar o Vaticano, onde hoje tem muitas igrejas. As igrejas foram as primeiras a ser construídas, porque era uma necessidade. Só tinha a Igreja Católica; depois que começaram a vir os evangélicos. A Igreja Batista e a Maranata foram as primeiras construções ali do loteamento.”

MANUTENÇÃO E VENDA DAS CASAS

Mesmo sendo construídas para diferentes classes sociais, as casas tinham alguns aspectos padronizados: eram todas brancas, com muros baixos. Isso chamava a atenção das pessoas de fora. Alguns dos entrevistados chegaram a comentar que era como se fossem de padrão americano ou europeu, porque fugia da realidade de outras cidades. A esposa

de Rodrigo Elias, Graziela Frigini, comentou que morava em João Neiva antes de se casar, mas que sempre gostou muito de Coqueiral: *“Quem era de fora, como eu, achava Coqueiral o máximo. A gente via como uma coisa diferente. Dava a impressão de que a gente estava entrando em outro mundo”*.

De acordo com Mathias, o **Mangue Seco**, mais conhecido como **Bairro Novo**, e a **Sapolândia** surgiram em razão da expansão da fábrica: já havia 835 casas e mais 200 foram construídas, seguindo o mesmo padrão das primeiras, totalizando 1.035 moradias. Entretanto, no Bairro Novo as casas foram edificadas apenas nos padrões “A” e “B”: as casas “A” de frente para o mar e as casas “B” em ruas internas. Na Sapolândia, o padrão dos imóveis foi o “C”.

O projeto da expansão foi mais organizado, com os lotes um pouco menores, porque os terrenos das casas que ficam na parte inicial do bairro eram imensos. A construção dessas novas casas foi mais bem elaborada, incluindo janelas de alumínio, pois as de madeira do projeto anterior registravam muitos problemas.

“A gente tinha um programa de reforma de casa em Coqueiral. Nós tínhamos dois caminhões de mudança. Uma vez por semana, a gente tirava o morador da casa para trocar o piso, para trocar as janelas. E trocamos as janelas de todas as casas, porque elas eram de madeira e, com o tempo, apodrecia tudo. Então, a empresa trocou tudo por alumínio nas novas casas. Teve um ano, depois de 1982, em que tivemos de tirar os moradores para colocar pedra ardósia”, lembrou Mathias.

Mathias explicou também que a Cohab foi criada para atender em sua maioria o público formado por terceiros, ou seja, o pessoal que não trabalhava na empresa, mas desenvolvia alguma atividade comercial ou de serviços para suprir as necessidades do bairro.

“Porque, no Coqueiral, as casas eram voltadas apenas para os empregados da Aracruz Celulose. E a Cohab foi concebida justamente para atender o público flutuante, para aquelas pessoas que trabalham no banco, na farmácia ou padaria. Então, com a venda das casas, ele comprava um lote para fazer uma casa, porque morar nas casas da empresa não tinha condições.”

A **Cohab** surgiu por um projeto da Prefeitura Municipal de Aracruz, nos anos de 1983 e 1984.

“Ali na área do Meridional era um loteamento de terceiros. A empresa vendeu os lotes ali na delegacia até lá embaixo do trevo”, recordou Mathias.

A manutenção das casas era feita pela Santur. Algumas pessoas exageravam ao pedir ajuda para a manutenção.

“Algumas senhoras de chefes ligavam para a empresa porque tinha um gato no telhado”, lembrou Moreira.

Mathias considerou que a manutenção do bairro estava se tornando muito dispendiosa.

“A empresa gastava 6 milhões de dólares por ano para fazer a manutenção em Coqueiral. Só para paisagismo, tinha uma empresa com 25 empregados para cortar e cuidar da jardinagem. A empresa viu também que era uma aspiração dos empregados ter uma casa e poder mexer nela. Então, os trabalhadores pressionaram a empresa, pois queriam comprar os imóveis.”

A intenção da empresa ao vender as casas era estabelecer um desconto sobre o valor de mercado para facilitar a compra pelos empregados. Segundo Mathias, a Aracruz Celulose decidiu dar 35% de desconto na venda das casas e, com essa medida, em dois anos venderam-se praticamente 80% das moradias. Ao final, ficou apenas o pessoal que dependia de financiamento com uso do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

Marcos Pereira, conhecido como Marquinhos, falou que ele e a mulher, Creusa Oliveira, conseguiram comprar o imóvel assim que foi posto à venda, em 1994.

“Já morávamos aqui desde 1991. Já vai fazer 30 anos. Antes de vender as casas, a empresa cobrava como aluguel um valor simbólico. Eles cobravam o aluguel como o preço de um refrigerante de garrafinha na época. Era descontado em folha de pagamento”, explicou.

Moreira lembra que a empresa vendeu as casas com preço muito baixo.

“Eu paguei por muito tempo 50 centavos de aluguel nesta casa. Era um valor simbólico. Mesmo que fosse simbólico, tinha que cobrar, porque senão você pode entrar com ação de usucapião. Eu não pago nada, moro aqui há 10 anos, então esta casa é minha.”

Com a venda das casas, as pessoas, que antes viam o bairro como “parte da empresa”, passaram então a enxergá-lo de forma independente: começaram a pintar suas casas com cores e texturas diferentes, a reformá-las criando cômodos e mais andares e, em alguns casos, elevando muros altos e cercas. O bairro começou a se transformar.

Aguiar considera que a venda foi um projeto bem elaborado pela empresa.

“Acho que foi uma mudança muito interessante no bairro que também influenciou o ‘psicológico’ das pessoas, porque acho que as pessoas se tornaram mais felizes quando se tornaram proprietárias, donas de suas casas”, comentou.

Mathias acrescentou que, em 1994, com a venda das casas, Coqueiral abriu as portas para pessoas de fora.

Goicocheia explicou que houve uma diversificação dos imóveis na medida em que cada um começou a cuidar da casa como sua.

“Antes, o pessoal vivia fazendo puxadinho e não queria gastar, porque a casa não era deles. Você ia às casas C e você olhava as lonas da máquina de secagem que saíam de lá. Os moradores faziam garagem de lona, ninguém construía. Aí, em 1994, quando entrou essa venda, todo mundo começou a investir, e houve uma melhoria. Deixou de ser aquele padrão 100% branco, porque todas as casas eram brancas, e aí, obviamente, que nesse meio tem muita coisa de bom gosto e muita coisa de mau gosto também. Mas, em suma, foi bom, porque o bairro teve uma melhora bastante acentuada em termos de investimento”, acrescentou.

Marquinhos e Creusa também comentaram sobre a mudança de Coqueiral com a venda das casas.

Hoje, existem pessoas que construíram casas atrás de seus quintais. Algumas até aproveitaram para fazer quitinetes, mas sem cuidado e sem preocupação alguma, o que acabou descaracterizando um pouco as casas, principalmente as “C” e “D”.

Algumas pessoas construíram cômodos e até mesmo outras casas em seus quintais, sobretudo os moradores de casas “C” e “D”, às vezes sem cuidado ou preocupação com a descaracterização das casas e do bairro. Além disso, o que é pior, muitos invadiram terrenos públicos localizados atrás de suas casas, colocaram cercas e galinheiros e até fizeram construções de alvenaria. Esqueceram-se de que as áreas públicas foram deixadas para uso comum.

Creusa contou que conhece uma senhora que já construiu uma casa no fundo do quintal.

“A senhora aproveitou a parte do quintal para fazer uma quitinete. Nós, aqui em casa, não temos nada cercado, nosso quintal ainda é aberto”, acrescentou.

“Isso aí foi uma mudança que teve em termos de crescimento sem planejamento. Mas o bairro foi crescendo e desenvolvendo muitas coisas. Hoje, não precisamos sair para fazer nada, porque temos quase tudo do que precisamos aqui”, disse Marquinhos.

De acordo com o último Censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, Coqueiral tinha à época 4.197 habitantes.

Mathias acha que hoje esse número é até menor.

Ele e Goicocheia comentaram sobre o apoio que a Aracruz Celulose fornecia quanto ao paisagismo. Mathias disse que, devido aos elevados custos de manutenção envolvidos, foi muito difícil negociar para que a Prefeitura continuasse fazendo o serviço de urbanização nos moldes da empresa. No caso específico do tratamento de água, o serviço continuou a ser fornecido pelo SAAE.

Goicocheia opina que houve uma queda acentuada na qualidade dos serviços depois que o bairro deixou de ser mantido pela fábrica.

“Digo isso porque a Aracruz mantinha este bairro em termos de paisagismo. Mas assim, era um brilho: tudo muito limpo, arrumado! Eu diria que até hoje está um pouco mantido, se considerar que é a Prefeitura que faz isso. Até que, de uma forma ou de outra, eu acho que seguiu um padrão razoável. E o bairro cresceu para o lado da Cohab. O comércio cresceu, teve outro supermercado, outros negócios foram surgindo. E hoje ele tem vida própria. Ou seja: ele não depende mais da Aracruz.”

Em sua área original – inclusive nos loteamentos para terceiros –, Coqueiral tem ruas e avenidas pavimentadas com “bloquetes”. No entanto, hoje já se encontram algumas áreas asfaltadas: Bairro Novo, Sapolândia e Cohab.



05. Fornecimento de alimentos e materiais

No início, o bairro não tinha supermercado nem padaria: o sistema para fornecimento de alimentação era precário. A entrega e distribuição de alimentos, materiais de limpeza e higiene, pão, entre outros, eram bastante difíceis. Muitas coisas vinham de fora, até mesmo água potável.

“Para o bairro estar o que é hoje, foram enfrentados tempos difíceis. As dificuldades que nós tivemos no começo do bairro são aquelas iguais a de qualquer lugar que começa do zero”, declarou Herval Pizzol.

Paulo César afirma que o bairro era carente dos itens mais básicos.

“O pão vinha de Aracruz em uma Kombi e, quando chegava, era uma fila enorme. Era disputado no tapa! Quando sobrava para todo mundo, era ótimo!”, destacou.

Samuel Medina e Lucilia comentam que compravam o pão quando a Kombi conseguia chegar. Normalmente a Kombi, muito velha, ficava parada na estrada por problemas mecânicos. Samuel também se recorda de que havia uma feira armada. Depois, veio a primeira série de lojas do centro comercial: o Açougue da Dona Penha, a Banca de Frutas da Maria e, em seguida, o Supermercado Califórnia.

Goicocheia sente saudades do primeiro açougue do bairro, o único local que havia para adquirirem carne e que funcionava onde hoje é a Telest. Paulo César lembra que o nome do estabelecimento era “Açougue da Dona Penha”, em referência a uma senhora simples e humilde, mas muito legal.

“Quando dava mais ou menos meio-dia até a uma da tarde, eles tinham que fechar porque a carne acabava e às vezes faltava energia elétrica”, diz Paulo César.

“Era Dona Penha quem cortava a carne. Tinha um tronco grande, um cepo, e a gente ali esperando a vez... Quando a carne sobrava, a gente comprava. Tinha uma feira também a cada terça e quinta-feira. Eram duas barraquinhas e não tinha mais nada.”

Medina recordou que, depois de 11 horas, quando todo mundo já tinha pegado o jornal, o leite e o pão, a feira era fechada porque já não havia mais nada para vender.

“Eu e minha esposa estávamos indo para o supermercado. Chegando lá, já não havia nem mais comida no bairro, não havia água, não havia nada”, acrescentou David Nascimento.

Devido às fortes chuvas que ocorreram em períodos entre os anos 1976 e 1980, principalmente em 1979, alguns moradores chegaram a passar dias enfrentando a falta de alimentos no bairro.

“Chuvas e enchentes faziam com que o bairro ficasse quase sem alimento”, comentou Goicocheia.

“Para você ter uma ideia, faltava papel higiênico. Às vezes, o pessoal que vinha do escritório do Rio de Janeiro trazia na bagagem para a fábrica, porque não tinha papel higiênico para comprar aqui. Era muito difícil”, lembrou Paulo César.

João Moreira comentou que, como em Coqueiral não havia infraestrutura, a empresa conseguiu com que o Governo enviasse uma vez por semana uma carreta: um “supermercado ambulante”.

“Como aqui, no início, não tinha supermercado, a empresa contratou a Companhia Brasileira de Alimentos (Cobal). Então, era um supermercado que vendia as coisas primordiais. Não tinha nada de luxo. E vendia a preços até sem visar a lucro! Era um supermercado que você comprava de tudo que você quisesse, e as coisas eram vendidas por um valor muito pequeno.”

*“Eu me lembro de que a gente entrava pela frente da carreta; era um baú, na verdade uma carreta comprida. Você entrava e passava pelo corredor. De um lado estavam os mantimentos: você comprava farinha, arroz, feijão, açúcar; e, do outro lado, tinha verdura, tomate, vagem, alface. No final da carreta, tinha uma balança e um caixa para pagar. Essa carreta ficou até surgir o primeiro supermercado, que foi o **Califórnia**, onde é o **Banestes** hoje. O **Meridional** veio depois. Quando o supermercado Califórnia saiu, entrou o **Devens** no lugar dele”, lembrou Moreira.*

Em 1990, o Centro Comercial, onde funciona o comércio principal de Coqueiral, era constituído de um prédio com dois pavimentos. No térreo, havia 22 lojas comerciais; e, no primeiro pavimento, funcionava o escritório do Departamento de Infraestrutura.

Nas lojas, encontravam-se os mais variados tipos de estabelecimento: banco, armarinho, lanchonete-restaurante, padaria, banca de jornais e revistas, agência de viagens e turismo, posto de atendimento da Escelsa, loja de roupas e brinquedos, papelaria, farmácia, posto de atendimento dos Correios e Telégrafos, bombonière, sorveteria e lojas de presentes. O prédio do Centro Comercial foi construído pela empresa, e as lojas foram alugadas para os comerciantes ali instalados.

Hoje no bairro existem dois supermercados – Devens e Meridional – que atendem convenientemente a população. Além disso, há feiras de frutas e de verduras – o “Feirão” e a feirinha orgânica, toda sexta-feira, na Cohab.

Com a chegada de novas indústrias locais, foram construídos novos estabelecimentos. Os únicos supermercados locais ainda são o Devens e Meridional, mas há também opções de padaria, farmácia e loja de conveniências.



Centro Comercial de Coqueiral -
Arquivo Cedoc Fibria



06. Comércio

Para Goicocheia, o comércio do bairro avançou para os lados da Cohab, setor conhecido como “terreno de terceiros”, onde também surgiu o Vaticano. Hoje, o bairro tem vida própria: não depende mais da antiga Aracruz Celulose. A segurança atualmente fica por conta dos moradores, em especial no setor das casas “A” e “B”, com vigilância particular 24 horas.

“Coqueiral ainda pode ser considerado um local seguro, pois hoje ainda se dorme de ‘portas abertas’. Só o que me preocupa, para o futuro, são as ‘expansões malucas’ que estão ocorrendo por aqui. Não sei até quando a projeção feita para a ETA vai se suportar. Mas é uma característica do bairro... Foi esse o princípio... Foi esse o meio... E é esta a situação atual”, comentou Goicocheia.

Paulo César conta que hoje é fácil ir ao mercado, a Vitória e a Aracruz, situação bem diferente daquela época, pois tudo era estrada de terra: terra daqui a Aracruz, daqui à fábrica, daqui a Nova Almeida.

“Em Nova Almeida era onde começava um asfaltozinho muito vagabundo, todo esburacado. E ainda é, né?! Você vê como é que é hoje e imagina como era antes. E tinha umas pontezinhas de madeira pelo caminho. Antigamente, não existia o SESC, ali havia uma pontezinha de madeira. Lá na frente era outro lugar de terra. Tinha muitas pontes! Então, era muito difícil ir para Vitória. Se chovia, era mais difícil, e ainda tínhamos que atravessar na balsa”, lembrou Paulo César.

RESTAURANTES DA REGIÃO

Na atualidade, o bairro está cercado por bons restaurantes. A maior parte fica está situada na orla, alguns à beira da praia e outros, bem perto dali. Todos atraem não só os moradores, mas também muitos turistas. Pode-se escolher entre um churrasco, uma moqueca ou uma pizza de boa qualidade. São várias as opções, como a churrascaria à margem da praia, **Porto Sauê**; o restaurante **Castanheiras**; o restaurante da **Pousada dos Cocais**, mais sofisticado; um restaurante **Mexicano**, próximo ao posto de combustível na Praia dos Padres; o **Purumar**, também na Praia dos Padres. Samuel Medina e Lucilia recomendam o arroz de polvo do Purumar, o prato principal, e a moqueca de siri do **Mocambo**, em Santa Cruz.

“Não precisa você ir a Vitória para ter uma boa refeição. A praia também é muito linda, uma possibilidade de caminhar vendo coisas maravilhosas”, defende Aguiar.

Carlos Mathias também argumentou que os melhores restaurantes à la carte da região estão localizados na orla de Coqueiral.

“Aqui na orla de Coqueiral você encontra bons restaurantes. Você vai lá a Aracruz hoje e não consegue comer à la carte em lugar nenhum, só em Coqueiral.”

Hoje, devido à crise econômica e ao aumento dos preços, não há muitas pessoas nos restaurantes.

“Conversei com o dono de um restaurante da orla, e ele comentou que aqui na região os restaurantes estão todos vazios, mesmo às sextas-feiras. Antigamente, era aquilo fervilhando de gente. Agora ninguém mais quase vai a restaurantes”, reforçou Paulo César.

De 2015 até 2021, além do crescimento do comércio, com o surgimento de mais padarias e farmácias, por exemplo, o bairro também ganhou novos estabelecimentos no ramo alimentício que atendem a todos os públicos, desde os mais jovens até os idosos.

Alguns exemplos são as hamburguerias, tapiocaria e açaiteria, entre vários outros pontos que surgiram como mais uma opção de lazer para os moradores e movimentaram a comunidade e o comércio local.

Outras áreas também foram desenvolvidas. Por exemplo, o centro comercial de Coqueiral passou por mudanças. Hoje há lojas de roupas e calçados e expansão da farmácia onde ficava a padaria.

Pelo centro comercial, já passaram diversos empreendimentos, como locadoras de filme, lanchonetes, restaurantes, papelaria e açougue, entre vários outros.



Mais opções de padaria no centro comercial próximo ao supermercado Meridional



Vista aérea de todo o bairro do Coqueiral em formato beija flor



07. Cultura e lazer

Paulo César lembrou que no bairro faltava muita coisa. À porta de casa, as esposas esperavam os maridos chegarem da fábrica trazidos pelo ônibus, pois *“não havia nada, não tinha comércio nem restaurante, imagina naquela época sem nada?”*. Por isso, para atrair moradores para Coqueiral, era necessário oferecer algum atrativo. Então, com o bairro, foram construídos o Clube da Orla e o CCC (Zincão).

O Clube da Orla era frequentado por diretores, gerentes, chefes de divisão e supervisores. Já o Centro Comunitário do Coqueiral (CCC) era visitado por operários e demais trabalhadores; era conhecido como Zincão, por ter telhado de zinco, segundo os moradores.

Para atrair e entreter, os clubes promoviam eventos sociais e traziam artistas e grupos famosos como Paralamas do Sucesso, RPM, Trem da Alegria, Erasmo Carlos, Wanderley Cardoso, Nelson Cavaquinho, Chico Anysio, Jô Soares e Tom Cavalcante, entre outros.

Aguiar lembra que os cachês dos artistas eram menores que os de hoje.

“Teve uma época importante, quando o Clube funcionava relativamente bem, que nós tivemos aqui, na área cultural, a presença de grandes artistas em nível nacional; mas, naquela época, eles eram muito mais em conta. Hoje você tem uma movimentação menor”, comentou Aguiar.

Como no bairro havia muitos estrangeiros (argentinos, chilenos, suecos, finlandeses e portugueses, entre outros) e pessoas de vários estados (gaúchos, mineiros, paulistas, baianos e catarinenses, além de capixabas), era comum que o Clube da Orla organizasse festas temáticas com comida típicas, danças e decoração do país ou estado de origem.

Os moradores comentaram sobre as tradicionais Noites de Queijos e Vinhos, que todos gostavam.

“Uma vez fizemos um encontro de corais com uma festa de queijos e vinhos no Clube da Orla em que reunimos tanta gente, que não cabia dentro do clube”, lembrou Pizzol.

Paulo César, atual presidente do Clube da Orla, comentou que o clube nasceu praticamente ao mesmo tempo que o bairro: na data de 6 de setembro de 1977.

“À medida que as casas do bairro foram sendo construídas, o clube também foi iniciado. Eles tinham pressa em oferecer opção de lazer aos empregados. Então, logo no início, começaram a construir a piscina no clube, que foi muito bem montado, com móveis de couro e acabamento de primeira. Era um lugar muito bonito e muito frequentado. As pessoas iam muito ao clube, pois

naquela época não se ia muito à praia. Só havia a Praia da Sauna, logo na entrada do bairro, no trevo principal”, diz Paulo César.

Ele explicou ainda que o nome “Praia da Sauna” foi dado por causa dos finlandeses.

“Quando vieram para cá, os finlandeses resolveram criar uma sauna, algo que é muito comum na Escandinávia. O banho para os finlandeses, suecos e noruegueses é coisa rara. Indo à sauna, eles são obrigados a tomar uma chuveirada. Então, construíram a sauna para eles e as mulheres. Acontece que eles tomavam banho e faziam a sauna pelados, e não havia nenhuma safadeza, era costume deles. Com o tempo, alguns brasileiros e suas esposas mostraram interesse também. Alguns deles ficaram desesperados ao verem as mulheres peladas com os homens! E não deu muito certo. Foi então que se resolveu criar dias alternados para brasileiros e finlandeses. Eu entrei lá uma vez quando já havia saunas separadas, uma para mulher e outra para homens, e em um dia especial para os finlandeses – sauna mista, é claro. Devido a esse fato, a praia ainda é chamada de Praia da Sauna”, recordou.

Como o Centro Comunitário de Coqueiral (CCC) era para o pessoal com cargos mais simples, a “discriminação” deu origem a uma forma de preconceito em relação ao Clube da Orla que perdura até hoje. Quando resolveram abrir o Clube para outros níveis, alguns frequentadores do CCC falaram: “Agora? Agora eu não quero”. E muita gente não se associou.

Já para Marquinhos, a classe menos favorecida sempre reclama.

“Como diz o ditado: eu não reclamo não, porque, se você faz uma coisa pensando naquilo, você tem que manter aquela norma ali. Tudo para mim vai dentro de uma norma. Não interessa se nós somos moradores antigos, se nós estamos há 23 ou 24 anos: se é aberta exceção para moradores para frequentar o Clube da Orla, que antes pertencia aos empregados mais favorecidos, muita gente reclama, acha que favorece quem tem melhor emprego ou o melhor carro, mas cada um tem a sua opinião. Isso, infelizmente, tem em qualquer lugar. Todo mundo critica, mas você sente isso na pele e não pode fazer nada. Eu não me importo, sigo a norma.”

Creusa acredita que hoje as pessoas não valorizam os eventos culturais que ocorrem na região.

Aguiar considera interessante que o bairro tenha tido uma fusão de culturas no começo.

“Nós tínhamos gente do Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina), do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas, do Ceará, e nós tínhamos

também estrangeiros. Muitos suecos, finlandeses, canadenses e de pessoas de outros lugares do mundo. E isso deu ao bairro também um ar mais internacional e mais dinâmico.”

Aguiar comentou que, quando viaja para longe e encontra pessoas que moraram em Coqueiral, todos falam com grande saudade do bairro. Ele observa que suas filhas sentem vontade de passar parte as férias aqui.

“A gente nota que os filhos do Coqueiral, nas férias, escolhem vir para Coqueiral para estar junto daquilo que foram as suas origens, as suas bases. A gente vê que tem muitos amigos de Facebook e de Twitter cujo ponto de ligação é o Coqueiral. Isso mostra uma coisa muito forte do convívio, de que um lugar pode fazer com as pessoas.”

Márcio, 36 anos, e Rodrigo, 37, que eram adolescentes na época, aproveitavam o tempo livre no Clube da Orla.

“Opção para fazer as coisas, os jovens e adultos tinham. Era bastante opção, e tudo incentivado pela antiga Aracruz Celulose”, destacou Márcio Goicocheia.

Mathias declarou que a cultura era promovida pelo Clube da Orla e pelo CCC.

“Uma vez por mês, tinha show de nível nacional. A empresa cobrava um ingresso simbólico do empregado, mas o grosso mesmo era ela quem bancava. O restaurante do Clube da Orla era de responsabilidade, no início, da fábrica também. Então, em muitos finais de semana, tinha almoços, feijoada, aqueles self-service enormes. A maioria era praticamente subsidiada, um valor em conta para quem morava aqui no bairro. Toda semana eles faziam um almoço árabe, comida baiana... Para poder atrair os moradores que reclamavam que não tinha nada e que tinham que ir para Vitória”, recordou Mathias.

PARQUINHO

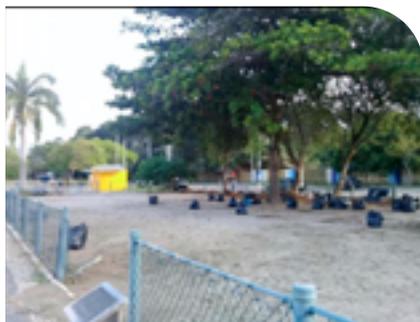
Desde quando o bairro foi criado, havia opções de lazer para todas as idades. Para as crianças, tinha o “parquinho da pracinha” (o parquinho da Praça da Amizade), que já passou por diversas transformações.

Durante um período muito longo, o espaço ficou sem brinquedos. O parquinho hoje instalado no local foi feito pelos próprios moradores do bairro, que se uniram por meio de uma “vaquinha solidária”, criada por eles mesmos.

Sebastião de Oliveira da Silva, mais conhecido no bairro por “Tião” ou “Tiãozinho”, foi um dos idealizadores do novo parquinho da Praça da



Parquinho em construção - Tião



Parquinho sendo construído - Tião



Parquinho montado



Entrada do parquinho da Praça da Amizade - Tião



Brinquedos do parquinho construído pelos moradores - Tião



Foto parquinho montado - Tião



Tião, no meio Carlos Magno Negri, e Leonardo Guide Fassarella. "Sem eles seria impossível fazer tudo. Foram parceiros mesmo" - disse Tião

Amizade. Perguntei ao Tião como surgiu a ideia, e ele disse:

“Surgiu de um momento de tristeza. Meus meninos, principalmente Renatinho, amavam brincar na praça e aproveitaram muito aqueles brinquedos. Depois de um tempo, mais nada havia restado. Pensei que as crianças mereciam ter os mesmos brinquedos que meus meninos usaram.”

Certo dia, Tião contou que, ao olhar a cerca do Zinção, viu que seria possível fazê-la de eucalipto.

“Então, peguei uma trena e medi a área. Fui aos parquinhos mais próximos e medi os brinquedos que haviam e fiz um desenho ocupando toda a área. Depois montei uma maquete e mostrei para os amigos”, relatou Tião.

Ele disse que Fred Martins, morador do bairro, gostou da ideia e passou a divulgá-la. Então, as pessoas começaram a se mobilizar e deram continuidade.

Tião ainda comentou que colaboradores da Prefeitura de Aracruz foram ao local avaliar o nível de segurança para a instalação de brinquedos.

“O Fred Martins e seu pai também contribuíram bastante para o parquinho. O Hélio e o pessoal da Loja Maçônica também fizeram bastante doações. Quando entrou o primeiro dinheiro, a gente comprou R\$ 7 mil em madeira, um caminhão e meio, e também houve doações de cabo de aço”, explicou.

De acordo com ele, a manutenção dos brinquedos é feita sempre que os moradores que ajudaram na obra conseguem um tempo.

“Sempre que tenho um tempo, olho se tem alguma coisa quebrada, vou lá e conserto. Gosto de levar minha neta para brincar lá e aproveito e vejo como estão os brinquedos.”

Perguntando sobre quem ajudou na construção dos brinquedos, disse que no início foram ele, o “Magu”, o Leonardo e o João Cláudio, que mora na Cedros, e o pessoal que ajudava por fora, com doações e divulgação da “vaquinha on-line”, a exemplo de Paulo Martins, Fred e Hélio.

Os moradores também colaboraram bastante com doações.

“Pessoas iam lá e viam como estava a obra. Goicocheia ajudou bastante com material. Uma senhora deixou material também, contribuiu com tintas. As mulheres ajudaram bastante, faziam lanches, café, e tinha de tudo”, acrescentou Tião.

Ele ficou satisfeito com o resultado.

“Graças a Deus que no final deu tudo certo. Temos uma praça que é referência. Acho que nem em Vitória tem uma praça desse tamanho com tantos brinquedos assim. A comunidade está de parabéns. Eu fico emocionado ao ver as crianças brincando ali. Eu gostei, fiz de coração e faria de novo se fosse preciso”, comentou, orgulhoso, Tião.

Coqueiral também oferece outras opções de lazer além do parquinho.

“Eu andava de bicicleta, brincava na rua, não tinha o perigo de ser atropelado, e as ruas com o maior número de casas, da Rua Cerejeiras até a Jatobás, têm umas curvas suaves, justamente para os carros não andarem rápido, porque as crianças brincavam muito nas ruas”, lembra Márcio Goicocheia.

“A gente andava muito na rua. Eu tinha um negócio de fugir de casa e sumia do mapa. A gente entrava na casa dos vizinhos, dos amigos, almoçava na casa do outro... E era muito legal! Era uma ideia de comunidade mesmo”, acrescentou.

Durante a entrevista, pude recordar que na minha infância eu aproveitei muito a “pracinha”: tinha brinquedos bem conservados e no final da tarde havia o encontro da criançada. Muitas iam jogar bola no campo de futebol ou nas quadras de basquete ou vôlei. E houve um período que até tênis jogava-se por lá. As crianças menores brincavam no “parquinho” porque havia espaço reservado para elas. Era tudo muito divertido e gostoso. Eu adorava ir brincar de bicicleta. São boas as lembranças da infância! Lembro-me, também, dos jardins do bairro: a grama estava sempre aparada e bem cuidada.

CINEMA EM COQUEIRAL

Houve um período em que teve até cinema no bairro.

“Tinha o João Moreira, que passava cinema no CCC. A empresa alugava aquelas fitas em rolo e passava todo dia à noite uma sessão lá no CCC. Ele assistia a todos os filmes e comprava também”, acrescentou Mathias.

A Aracruz Celulose deixou com Moreira a responsabilidade pelo cinema no bairro. Ele informou que se envolveu muito tempo com o assunto.

“Eu até escolhia os filmes, porque a empresa tinha uma verba, e eu tinha que distribuir isso em filmes de qualidade inferior, mais ou menos e tops de linha. Se eu passasse só top de linha, a empresa não tinha dinheiro para pagar filme três vezes na semana. Eu passava o filme no Zinção.”

Moreira se recorda de que muitos adolescentes da época são hoje pais de família. Nos dias de cinema no Zinção, esses meninos faziam muita bagunça na hora do filme.

“Quando passava um filme ‘ruim’ (vinha filme até riscado), os caras jogavam bucha de laranja e até picolé na tela, mesmo não pagando nada. Jogavam tudo o que tinham direito, como chinelo e tênis. Aí eu desligava a máquina e falava: ‘Acabou, por hoje é só pessoal!’.”

OFICINA DE ARTES

De acordo com Mathias, a Oficina de Artes foi construída no mesmo ano da Praça da Amizade.

“Com a venda das casas, a Oficina de Artes acabou também. Porque, de vez em quando, a moradora Regina Carbello trazia umas peças de teatro que atraíam os moradores, já que não tinha muita forma de entreter naquela época, não tinha internet, e a distância para Vitória era muito longe. Então, antes da venda das casas, a Oficina de Artes funcionava bem, com os moradores ativos. Está lá um projeto muito bom, com cortina de teatro, as cadeiras que nós compramos do antigo Teatro Glória, com preço bastante em conta. E a Oficina de Artes era bastante aproveitada na época, além de peças de teatro, tinha cursos de corte e costura, violão, teclado, teatro e pintura. Na época, Regina, que era do ramo de teatro, corria atrás disso”, recordou Mathias.

Embora a Oficina de Artes continue com alguns cursos, como Mathias recordou, depois que Regina foi embora do Coqueiral o curso de teatro caiu no esquecimento. Só após algum tempo, de 1999 a 2007, a Oficina de Artes voltou a ser fortalecida na parte cultural, com a criação e atividades regulares do Grupo Teatral “Fazendo Cena”, uma oficina de teatro coordenada pelo professor Jorge de Paula, seu fundador e diretor. Na ocasião foram promovidos vários eventos, tais como o “Final de Semana com C”, e montagens dos espetáculos “Luz, Crônicas, Ação: palmas para Veríssimo!”, “O Santo e a Porca”, “O Santo Inquerito”, “Descoberta das Cores” e “Contos e Cantos de Roda e de Fadas Encantadas”, entre outras apresentações.

O curso de teatro dirigido pelo professor Jorge de Paula foi o ponto de partida para a profissionalização em Artes Cênicas de pessoas nascidas e criadas no bairro, como Peter Boos e Breno Fonseca, que hoje atuam profissionalmente nos palcos cariocas.

A Oficina de Artes também servia de apoio para eventos culturais promovidos por escolas do bairro. Foram feitas diversas apresentações de alunos que participavam de grupos de dança como o da professora Marise Pontes, do Colégio Pitágoras, dos quais tive a oportunidade também de ser integrante. A Oficina de Artes é um local onde os moradores do bairro podiam e ainda podem encontrar um pouco de cultura.

PERÍODO DA OFICINA DE ARTES (2013-2015)

Com a saída de Regina e com as dificuldades e a falta de apoio enfrentadas pelo professor Jorge, não houve mais interesse em “manter viva” a Oficina de Artes. Dessa forma, o envolvimento dos moradores pelos cursos foi enfraquecendo-se progressivamente. Além disso, já não existiam opções interessantes como peças de teatro para atrair os moradores. Lamentavelmente, hoje, esse espaço cultural privilegiado já não é tão bem aproveitado como antes.

Segundo Magda Barcellos, presidente da Associação dos Moradores de Coqueiral (Amoc), em 2015, a entidade ofereceu oficina de violão. Na época, também houve turmas de cursos de jardinagem e de paisagismo, com 35 formandos. Satisfeita, Magda falou que a Amoc conseguiu trazer o espetáculo da Companhia de Dança Mitzi Marzzuti, que mais uma vez atraiu os moradores à Oficina de Artes. No entanto, ela acredita que ainda falta incentivo cultural para que os moradores participem de ações como essa.

BIBLIOTECA LIVRE

O Projeto da Biblioteca Livre foi criado por um grupo de pessoas com interesse em fomentar a literatura na região. A ideia de implantar uma biblioteca da comunidade surgiu cerca de cinco anos atrás, com pessoas que reformaram uma geladeira velha, de onde se poderia pegar os livros para empréstimo. Eles ficariam à disposição de quem quisesse.

A Biblioteca Livre foi inaugurada com um sarau que teve a participação de artistas locais que abraçaram a ideia.

Segundo Priscila Srebro, o projeto começou diretamente com a geladeira reformada, que ficou por um tempo na padaria Petit Pain, instalada no centro comercial na época, onde hoje está a farmácia Santa Lúcia.

Priscila disse que a geladeira com os livros passou por alguns lugares até se fixar onde está hoje.

“Com o fechamento da padaria e ao mesmo tempo com a necessidade de

melhor acomodar os livros, conversamos com a presidente da Amoc, na época a Ana Paula Carmo, e ela concordou em ceder a sala 1 da Oficina de Artes para a biblioteca. Com o apoio do Grupo Escoteiro, fizemos a mudança e estamos por lá até hoje.”

Parceira de Priscila no projeto, Ana Paula Carmo destaca que se trata de um trabalho voluntário, que conta com mais amigos da biblioteca, pessoas que participam quando há algum evento ou um mutirão.

Voluntários da Biblioteca Livre já participaram de ações esporádicas em Coqueiral quando havia feirinha na Praça da Amizade, por exemplo.

Segundo Ana Paula Carmo, ela e Priscila têm uma caixa de doações em que os moradores fazem uma triagem.

“Temos parcerias com outras bibliotecas comunitárias, com escolas, com a Biblioteca Pública do município, com outros projetos sociais, com as igrejas. Dependendo do tipo de livro que chega, a gente faz uma triagem e encaminha. A gente também carimba os livros com o selo da biblioteca e organiza as estantes de acordo com os tipos de livro. Por exemplo: se é romance, ficção, suspense, infantil, infantojuvenil, autoajuda.”

Na sala da Oficina de Artes, Ana Paula e Priscila conseguiram algumas estantes e hoje recebem as doações de diversos livros.

Sobre o horário de atendimento, Ana Paula disse que a biblioteca fica aberta sempre que a Oficina de Artes está funcionando para o público.

“Hoje em dia ela está mais tempo porque a gente tem o apoio da Prefeitura. Funciona sempre que a Oficina de Artes está aberta em horário comercial. A biblioteca também está funcionando com todos os cuidados durante a pandemia”, explicou Ana Paula.

Ana Paula falou, ainda, que a Oficina de Artes, recentemente, sofreu um ataque de cupins e que foi preciso esvaziar a biblioteca.

“Conseguimos doações e estamos fazendo reformas. Conseguimos umas estantes de doação de moradores que contribuíram para a volta da biblioteca.”

Ela explicou que a biblioteca está sendo reorganizada para voltar a funcionar.

“A biblioteca no momento está em reforma, mas, assim que estiver pronta, voltará a funcionar normalmente.”

A Biblioteca Livre está presente nas redes sociais. Quem tiver interesse em ficar por dentro das novidades pode seguir @bibliotecallivrecoqueiral.

OFICINA DE ARTES 2021

A Oficina de Artes está instalada hoje em um edifício da Suzano. Sua gestão é feita pela Associação de Moradores (Amoc). Encontra-se parada, mas abriga, além da Biblioteca Livre, o ponto de apoio para vigilância motorizada, o apoio regional da Prefeitura, o 19º Grupo Escoteiro de Coqueiral e a Oficina de Artesanato da Associação de Artesãos da Orla de Aracruz (Assaoara).

Na Oficina de Artes, também estão órgãos ambientais como o Instituto Peroá (ONG ambientalista) e o ponto de apoio para guarda de material da S.A. (limpeza pública).

Além disso, a Oficina de Artes é palco para a realização de projetos culturais que funcionavam no espaço ou estavam em organização. No momento, porém, tudo está paralisado devido à pandemia. Alguns projetos culturais eram o Grupo de Teatro da Oficina de Artes, o Coral Encantar de Coqueiral, o Cineclube Ambiental Coqueiral, a Sala de Artes Plásticas, a Costura Criativa e a Sala de Música.



A VISITA DE CHICO ANYSIO

Um dos fatos mais interessantes contados por Moreira foi a missão a ele incumbida de buscar o ator e humorista Chico Anysio no aeroporto para apresentação no Clube da Orla.

“Lembro que ele ficou reclamando que eu estava correndo muito. Ali em Nova Almeida tinha uns quebra-molas que eram como bolas de ferro, ou melhor, ainda existem muitos quebra-molas, mas antigamente eram piores. E na época o carro top de linha da chefia era o Opala. Quando podia andar rápido, eu ia, e o Chico Any시오 estava com a garganta operada e dizia: ‘Vou chegar vivo no bairro?’ (o João imitou a voz dele). E respondi: ‘Claro que vai chegar vivo sim!’”

“Eu me lembro também de que ele veio reclamando de mim e eu pensei: ‘Vou dar um susto nesse cara’. Chegando à balsa, parei o carro, deixei o carro lá. Quando ficou metade do carro dentro da balsa, ele falou: ‘Eu não volto contigo’. Eu falei: ‘Eu só fui buscar porque não tinha ninguém, e não vou levar você de volta não, você reclama demais’. E me lembro de que ele ficou no Clube da Orla. Ele olhou de cima e perguntou: ‘Me consegue uma água de coco ou é difícil?’. Aí falei: ‘Tem mais de 50 mil pés de coco aqui. Se você pedir coco aqui, é a mesma coisa que pedir farinha na Bahia. Em toda esquina que você virar tem’. Aí arrumaram um caminhão de coco lá pra ele”, contou.

Moreira ainda relatou que em Coqueiral já teve muita coisa bacana. *“Eu também recebi João Nogueira e Sandra de Sá, que veio em 1981”, acrescentou.*

VISITA DO PRÍNCIPE CHARLES

Outro fato marcante foi a visita do Príncipe Charles a Coqueiral. Ele veio conhecer a Aracruz Celulose, ver de perto o bairro e conhecer uma de suas moradias. Os moradores relatam que ele ficou encantado com a beleza e a tranquilidade do bairro.

“A visita do Príncipe Charles foi muito interessante, ele gostou muito do padrão do bairro e das casas”, lembrou Aguiar.

Mathias se lembra de que a visita do Príncipe Charles chamou a atenção do bairro e que ele foi à casa de Yara Ikemori, sua vizinha do final da rua.

“Para a visita do Príncipe Charles, que inclusive foi até a minha rua, a gente deu uma geral no bairro. Ficamos acompanhando a visita do Centro Comercial. Ele veio da fábrica com a comitiva, subiu o bairro. Tinha um helicóptero acompanhando. E quando ele passou em Coqueiral, o helicóptero ficou parado na região. Então, ele saltou na minha rua e foi à casa da Yara, que é a

ultima casa e foi a escolhida para o príncipe visitar. No dia da visita, minha empregada, Maria, ficou apavorada porque o carro do príncipe passou na frente da minha casa e as motos dos seguranças tiveram que entrar nas casas. Entraram na minha casa, e ela ficou assustada. Naquela época as casas não tinham muro, não tinham nada, era tudo aberto. Depois que visitou a casa, o príncipe percorreu o bairro. E os meninos da escola foram todos recebê-lo. Foi emocionante e muito simbólico. Quando cheguei em casa, a empregada falou que ficou louca, um monte de cara entrando em casa e muitos seguranças olhando pra ela”, recorda-se Mathias.



Placa Príncipe Charles - divulgação

Ainda segundo Mathias, o príncipe ficou instalado na Casa de Hóspedes. Foi preciso contratar um cozinheiro especialmente de São Paulo para fazer sanduíches para ele.

“Eu vi o príncipe de perto, na fábrica e em Coqueiral. Ele passou de carro, abriu a janela e acenou para todo mundo. Todo mundo queria que a Diana viesse, mas ela ficou no Rio e ele veio para Coqueiral sozinho”, acrescentou Mathias.

“ROCK IN COQUEIRAL”

Outro evento que chamou a atenção dos moradores do bairro foi o “Rock in Coqueiral”, ocorrido nos anos 1980. O festival, organizado no campo de futebol do CCC, contou com a participação de várias bandas famosas e atraiu muitas pessoas de fora. Rosemere Costa, cujo nome ar-

tístico é Rose Costa, participou de todos os dias do “Rock in Coqueiral”. Rose, hoje com 47 anos, tinha 18 à época.

“Eu participei o tempo inteiro, todos os dias, tanto na programação da véspera, quanto durante e depois. Vieram Paralamas do Sucesso, Robertinho do Recife, A Cor do Som, Boca Livre, RPM e alguns artistas capixabas. Do Carlos Papel, me lembro bem, porque conversei muito com ele. Eu fiquei muito próxima do camarim. Era muita droga que rolava naquele rock. Eu tinha 18 anos na época. Então, antes disso, a minha mãe nem me deixava participar”, contou Rose.

Malta ressaltou que trabalhava como segurança durante o Festival de Rock.

“Aquilo tudo que acontece em show de rock. Veio muita gente de fora. Loucura e mais loucura. Mas movimentou a área. Foi no CCC, no campo de futebol”, disse.

Lucilia Medina lembrou que estava em Vitória quando ocorreu o “Rock in Coqueiral”. Ela levou umas duas horas para chegar a Coqueiral.

“Lembro que, quando teve o Rock in Coqueiral, estava com Samuel e Pablo, meu filho mais velho, e resolvemos sair mais tarde de Vitória. Chegamos à balsa quase à meia-noite, e a fila estava enorme para atravessar. E aí falaram que seriam no mínimo duas horas de espera. Então, resolvemos ir por Santa Rosa, uma estrada que servia de alternativa.”

CLUBE DA ORLA

O Clube da Orla tem salão de festas, deque com churrasqueira, sala para eventos culturais, dois quiosques com churrasqueira para festas, bar, três quadras de tênis, quadra coberta de futsal e vôlei, quadra poliesportiva descoberta, dois campos de futebol society, sauna, sala de ginástica, academia de musculação e três piscinas (uma delas semiolímpica) e playground. O clube tem ainda uma academia VIP para os sócios que desejam maior privacidade.

A Sede Náutica, situada às margens do Rio Piraquê-Açu, é administrada pelo Clube da Orla. Lá são guardadas embarcações de lazer como barcos a vela, lanchas, jet skis, canoas etc. Para conforto dos sócios e frequentadores da praia, existe ainda um bar em funcionamento.

Hoje o Clube da Orla não é tão frequentado como antigamente. As

festas já não atraem os moradores, que preferem buscar alternativas de divertimento como praia, restaurantes e bares.

“Durante muitos anos, o clube foi o point, mas com o tempo essa cultura de clube e de baile está acabando. Ninguém vai mais a baile”, comentou Paulo César, atual presidente do clube.

Mathias também falou sobre a pouca movimentação atual no clube.

“O pessoal parou de frequentar o clube. Na época da Santur, Nélio de Paula chamou um especialista em clube para fazer um diagnóstico do CCC e do Clube da Orla. Aí o homem chegou e falou: ‘Pode fechar. Nunca vimos um clube na beira da praia que vai à frente. Quem vai deixar de ir à praia para ir à piscina do clube?’”

Naquela época, o ciclo de amizades era maior. Hoje tem internet e os grandes condomínios têm piscina e sala de jogos, tudo mais perto, ninguém mais vai para clube. Em Vitória, por exemplo, quais clubes sobrevivem? Só o Álvares e o Ítalo. Como já existem piscina, quadras e outras estruturas de lazer, é possível que um dia a empresa venha a vender o clube para um empreendedor construir um condomínio. Ninguém sabe o que poderá acontecer.

“A parte de condomínio já está pronta, é só fazer uns prédios. Hoje em dia não tem quem use o clube mais, porque nós estamos numa fase de transição. Não veio mais gente nova. Tem muito pequeno, mas poucos jovens no bairro. E a molecada hoje só quer saber de internet, não quer mais ir pro clube jogar peteca, vôlei, futebol e bola e andar de bicicleta”, acrescentou Mathias.

Lícia Lucas Cantarella disse que, quando se mudou para Coqueiral, em 1998, o Clube da Orla estava fechado. Quando a empresa decidiu reabri-lo, criando novo estatuto e nova governança, ela foi convidada para ocupar a diretoria social.

“A equipe eram o Figueredo, o presidente, Ademilson Carvalho, que nem está mais aqui, e o diretor financeiro. Fizemos um baile de reabertura muito legal. Foi com a banda Woops. Eu que promovi. Nós trouxemos alguns shows, mas sempre com pouca gente, porque até retomar como era antigamente demorava um pouco, mas continuou. Eu me lembro de que engravidei de Lorenzo e ainda fazia parte da diretoria do clube em 1999.”

OLÍMPIADAS NO CLUBE

Márcio Goicocheia comentou que antigamente no bairro havia muitos incentivos ao esporte, não só pela escola Ativa, mas também pelo Clube da Orla e pelo CCC.

“Uma coisa que posso dizer é que, naquela época de início de funcionamento do clube, tinha muitos destaques do clube no esporte. O bairro Coqueiral era uma referência e muitas vezes até invejado. A gente ia para Vitória participar de jogos lá, e eles tinham muita raiva da gente, eles não gostavam de Aracruz, a gente fez um mundo paralelo aqui.”

Era tudo melhor!

“Tinha um amigo meu que era o melhor do Estado no iatismo. Vários fizeram testes de futebol em grandes times. Na natação, a gente tinha os melhores do Estado. A gente batia de frente com o Álvares Cabral. Lembro que tinha olimpíadas de funcionários e jogos infantis de filhos de funcionários. Inclusive tenho até fotos da gente no Clube da Orla, formando e cantando hino lá e participando de jogos infantis”, recordou Márcio, orgulhoso.

Ele ainda comentou que hoje o bairro parece não ter mais atrativos para a criança ou para o jovem.

“O bairro não tem nada praticamente de incentivo ao esporte. A gente morava na casa que meu pai mora hoje. Quando dava sábado, passava uma multidão correndo para o Clube da Orla. Era muito legal!”

Rodrigo Elias complementou a fala de Márcio dizendo que havia várias opções de esporte no clube, e as crianças podiam escolher a modalidade que mais lhe agradassem.

“Nossos pais eram sócios do clube e lá você tinha a opção de fazer esporte, jogar bola, ir à piscina. Tinha mesa de sinuca, campeonato de natação, olimpíadas e jogos internos que a Aracruz promovia para os funcionários da época. Era bem divertido”, confirma Rodrigo.

CARNAVAL EM COQUEIRAL

Rose, bastante antenada com a cultura, lembrou-se das bandas de marchinhas no Zincão.

“As bandas de marchinhas combinavam com o famoso banho de mar da madrugada. O carnaval era assim. E nós trabalhávamos de graça. Todos os

dias, saíamos da escola e íamos para o Zincão montar o que decidíamos. Teve um ano que o sucesso foi 'Aha ha, minha pipa está no ar'; aí nós cobrimos todo o teto do Zincão de pipas de plástico. A Aracruz Celulose bancava e nós passávamos dias e dias fazendo aquelas pipas grandes e puxávamos na roldana para colocar a pipa em cima. Ganhávamos prêmio de melhor pipa. Quem ganhava o prêmio subia no helicóptero para soltar panfleto lá de cima do helicóptero, lá em Linhares e Colatina, para o povo vir pra cá. Assim foi por muitos anos, e eu trabalhei em todos os carnavais. Então eu não pagava pra entrar, porque eu fazia parte do carnaval. Quando a marchinha deveria parar de tocar, lá por volta de 4h30 da manhã, eles não paravam, desciam para praia, e quem estava no clube descia atrás na marchinha de carnaval para o tradicional banho de mar. Isso ocorreu em todos os anos e todas as noites", recorda Rose.

Rose considera aquela época maravilhosa. Ela não sabe nem como explicar ao certo.

"Só quem viveu sabe o que é. Nós íamos muito ao bosque perto do Centro Comercial. Tinha uma casinha de pombo de dois andares, do lado onde é o restaurante agora. Ficávamos ali sentados cantando Legião Urbana. Era muito bom. Eu peguei a época de ouro de Coqueiral, foi um tempo bom mesmo", relembra Rose.

CAFÉ CONCERTO

O Café Concerto foi marcante para os adolescentes filhos dos primeiros moradores. Rodrigo e Márcio se recordam com alegria desse "point" próximo ao Centro Comercial, onde hoje está um prédio residencial com alguns consultórios odontológicos e alguns apartamentos.

Rodrigo se lembra de que o Café Concerto era muito bacana! Ainda segundo ele:

"Aniversário da criançada, a gente ia pra lá direto. Era uma sensação. O pai dava dinheiro para a criança e chamava os amigos todos e a gente ia para a pizzaria. Era um lugar rústico, todo construído em madeira. As lâmpadas tinham a forma de vela e a pizza, feita no forno à lenha, era muito boa!"

Márcio disse que também já comemorou muitos aniversários lá.

"Era legal pra caramba. Chegava o dia do aniversário e cansei de comemorar!", lembra Márcio. Seu pai, Goicocheia, falou que uma das coisas importantes do lazer da criançada no bairro era o Café Concerto. *"Eles têm fotos e*

ainda curtem uma página no Facebook do Café Concerto.”

Márcio relatou que foram marcantes para eles o encerramento do Café Concerto e a mudança da escola velha para a nova, onde hoje funciona o Colégio Darwin.

“Essa transição foi legal, porque, quando foram fazer a escola nova, entrou a polêmica do Café Concerto. Os donos não queriam derrubar o estabelecimento, eles queriam colocar o Café Concerto em outro lugar. Eu não sei exatamente por que não conseguiram tirar dali e colocar em outro lugar. Mas, enfim, eu acho que, como era todo de madeira, seria difícil de reconstruí-lo. E aí foi uma polêmica porque não queriam construir a escola lá, mas depois que viram o resultado, uma baita de uma praça que fizeram ali onde era a antiga escola, e construíram uma escola nova, foi sucesso total.”



Morrinho do clube da orla - criançada aproveitava para descer de papelão



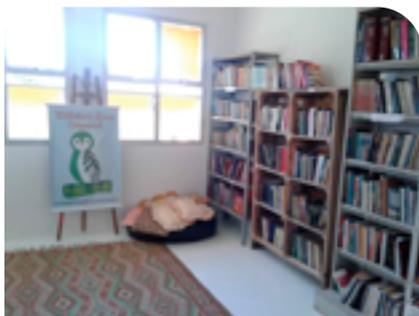
Setembro de 2015 - nasce o tapete da leitura - arquivo Priscila Srebro



Marotão - onde moradores se reúnem para jogar futebol



Julho de 2016 é inaugurada a Gelateca na antiga padaria Petit Pain - arquivo Priscila Srebro



Em setembro de 2018 a Biblioteca passou a funcionar na sala 1 da Oficina de Artes - arquivo Priscila Srebro



A Biblioteca Livre tem parcerias com escolas da região - privadas e públicas - arquivo Priscila Srebro



Nem a pandemia parou o trabalho da Ana e da Priscila com a Biblioteca - arquivo Priscila Srebro



Encontro do grupo de leitura "Adega literária" - arquivo Priscila Srebro



Biblioteca Livre - Ações de incentivo à leitura junto a Secretaria de Educação - arquivo Priscila Srebro



Competições entre escolas - Arquivo Clube da Orla



Aula de futebol - Arquivo AMOC



Igreja Católica hoje



CCC ANTES - Vista aérea parcial do bairro do Coqueiral priorizando a piscina do CCC - Arquivo Cedoc Fábrica



CCC DEPOIS - Foto Amoc



Construção Igreja Católica A - Cedoc Fíbria



Depois da Praça - foto AMOC 2013



Nelson Gonçalves 86 - Foto Arquivo Clube da Orla



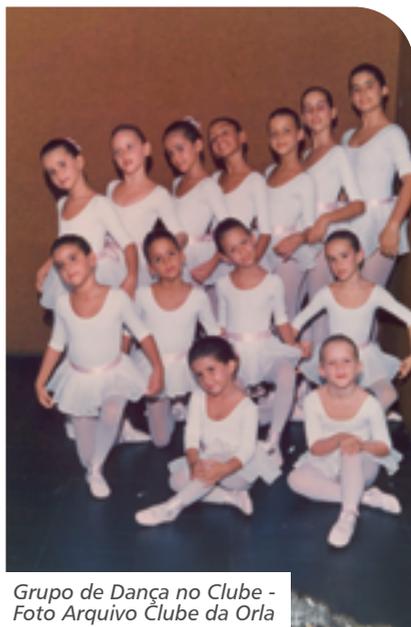
Erasmo Carlos 90 - Foto Arquivo Clube da Orla



Jogo Zinção 85 - Foto Arquivo Clube da Orla



Escola de Pesca - Torre da Praia - Arquivo Clube da Orla



Grupo de Dança no Clube - Foto Arquivo Clube da Orla



Aniversário Café Concerto - Márcio Goicocheia



Mais comemorações no Café Concerto - Márcio Goicocheia



Criançada reunida no Café Concerto



Dia da Independência e comemoração 36 anos de Coqueira - Luiza Medina 2013



Dia da independência - Passeata - Acorda - Coqueiral - Arquivo Clube da Orla



Praça da Amizade passado



Praça da Amizade hoje



*Palco da Praça da Amizade -
Déc. 90 - Arquivo Cedoc*



*Osquestra Cuba Libre - Foto Arquivo
Clube da Orla*



Praça da Amizade - Foto Amoc 2013



*Praça da Amizade - déc 90 -
Arquivo AMOC*



*Praça da amizade - ANTES DA PRAÇA -
Cedoc Fibria*



Praça da Amizade - Antes de amizade



Palco Praça Hoje



Vista aérea parcial do bairro do Coqueiral priorizando o clube da Orla



Vista aérea parcial do bairro do Coqueiral priorizando o CCC e a praça



Time de Bocha Feminino 85 - Clube da Orla - Foto Arquivo do Clube



Time de Polo do Clube - Foto Arquivo Clube da Orla



Time Voleibol 84 - Foto Arquivo do Clube da Orla



*Jogos Infantis 84 no Clube -
Foto Arquivo Clube da Orla*



Ponte de Santa Cruz



SOBRE
IO
Ê-AÇU

08. Transportes

Herval Pizzol citou como era difícil a situação do transporte nos primeiros anos do bairro. Naquela época, a empresa disponibilizava infraestrutura de apoio colocando ônibus para Vitória para estudantes e para moradores fazerem compras e receberem atendimento médico de maior necessidade ou urgência.

“Bem no início, Coqueiral começou tendo uma vida de dependência das imediações de Vitória, e era muito difícil, porque você tinha que se locomover muito. Na época, o acesso era difícil para todos. As estradas eram péssimas, quase não existiam pontes, era preciso passar dentro da água, na lama ou em pontes improvisadas.”

Comentando sobre transporte, Moreira falou que toda quinta-feira a empresa colocava dois ônibus à disposição das “madames”. Um saía de Coqueiral e ia até a balsa e outro esperava do outro lado. Esse ônibus ia para o Centro de Vitória, deixava as “madames” e voltava para Coqueiral às 17h.

“Tinha também um ônibus que levava o pessoal para ir estudar lá em Vitória, ia para a faculdade. Quando o ônibus quebrava, eu ia levar de Kombi”, lembrou Moreira.

“Estradas eram extremamente difíceis, porque, além de serem de má qualidade, qualquer chuva interrompia os acessos. Quando chovia, era muito difícil de você chegar”, comentou Pizzol.

Aguiar complementa que ele chegou em uma época de muita chuva.

“Para a gente sair daqui do bairro e ir até Vitória, levava umas três horas de viagem, pelo menos.”

Os moradores comentam que era difícil sair de Coqueiral quando chovia. Antes, era preciso olhar bem as condições do tempo: se houvesse ameaça de chuva, era melhor ficar em casa ou se preparar; haveria muita lama no caminho pelas estradas de terra.

“Nós ficamos no Coqueiral basicamente ilhados! E chegou até a faltar pão, a faltar mantimentos para as casas ou para as vendas, roupas e outros materiais para as lojas. Isso foi uma coisa bastante marcante naquela época de pioneirismo. Hoje, quem vive no bairro nem imagina como seria passar por essa fase. Então, acho que, do ponto de vista das preocupações, essa foi a época”, comentou Aguiar, lembrando a grande enchente de 1979.

A Balsa

Antes de existir a ponte, a travessia de carros no Rio Piraquê-Açu era feita por três balsas, em momentos diferentes. A primeira era operada pelo Estado; a segunda (menor), por Valter Mere; e a terceira, por Genésio Salvadeo, seu proprietário. Para a travessia de pessoas, havia o pequeno barco do “Alagoano”.

Muitos moradores passaram grandes dificuldades na balsa. Alguns relatam os momentos complicados.

“A balsa era o nosso gargalo desde a construção. Inicialmente, você tinha a balsa aqui, que foi fornecida pelo Departamento Estadual de Rodagem. Era uma balsa do Estado que fazia esse trajeto de vai e volta. Depois que o Estado resolveu não continuar com essa atividade, apareceram alguns particulares que encamparam a ideia e puseram outra balsa. Com a saída também dessa segunda, chegou uma balsinha para quebrar um galho até chegar outra balsa que ficou até chegar a ponte”, destacou Pizzol.

ALAGOANO

A travessia de pedestres era um sufoco. Em sua maioria, era feita em um barco, praticamente sem segurança, cujo proprietário era “Alagoano”. Mathias comentou sobre o barco de Alagoano:

“Esse barquinho era com motor, você sentava, ou então ia em pé mesmo, e só atravessava de um lado para o outro. Muitas vezes, você atravessava para pegar o ônibus da Águia Branca ou para ir mais rápido do outro lado. E, depois, acabou. Aí veio o Élcio, e, como a balsa ia mais rápido, ele acabou perdendo isso”.

Samuel Medina falou do barquinho com animação:

“Então, chegávamos aí na balsa, no cais, e gritávamos: ALAGOAAAANO! Era um alagoano mesmo que fazia esse serviço de atravessar de barquinho de remo”.

Os funcionários da Aracruz subiam no barquinho para atravessar para o outro lado e pegar o ônibus – para a fábrica ou para Vitória. Segundo o morador David Nascimento, um dos pioneiros do bairro, já houve até barquinho que virou, com muita gente caindo na água.

VALTER E GENÉSIO

Mathias destaca que, no início, quem operava a balsa particular eram Genésio e Valter. Como o bairro começava a crescer, a empresa fez um contrato de parceria: reformou as duas balsas e, como eles tinham experiência como marinheiros, deixou-os operando. A empresa fazia a manutenção das balsas e eles recebiam pelo trabalho para atravessar os carros e as pessoas.

Algumas vezes a balsa quebrava e ficava à deriva. Se a maré estivesse subindo, a balsa era levada para dentro do canal; se estivesse descendo, ela seguia mar aberto. Em qualquer das situações, a outra balsa tinha que interromper temporariamente o transporte do pessoal para socorrê-la.

“Eu já vi cair uma Kombi dentro do mar. O cara entrou na balsa e passou direto, sem parar, caiu na água. Era um vendedor de linguiça, e a Kombi era velha. O homem saiu lá de dentro da água, as linguiças saíram boiando, e os trabalhadores e moradores saíram correndo e mergulharam para pegar as linguiças. Nunca vi um negócio daquele! Quando a empresa fez essa parceria com as balsas, era eu quem fazia a manutenção delas, então, um dia estava lá, parei para fazer manutenção na balsa, e uma ambulância veio de Santa Cruz. O cara ligou a sirene, e eu falei: ‘Pronto, vai ter que voltar pra pegar ela. Deve ter alguém passando mal’. Só que, quando voltamos lá e fomos ver, a ambulância da Prefeitura estava cheia de saco de cimento dentro”, recordou Mathias.

Paulo César se lembra de uma época em que existiam duas balsas.

“Tinha a balsa oficial, do Estado, que, se eu não me engano, dava para cinco ou seis carros. Tinha também a balsa de Valter Mere e Genésio Salvadeo, que dava para dois carros. Então, quando faltava a outra, o pessoal tinha que entrar na fila da balsa do Valter Mere e enfrentava a espera”, explicou.

Vários moradores comentaram que a balsa, muitas vezes, quebrava. Paulo César relatou que certa vez chegou do Rio de Janeiro com o carro repleto de bagagem no teto e com toda a família: sogra, sogro, filho pequeno e Leila, a esposa.

“Quando chegamos, a balsa estava quebrada. Como a gente ia fazer? Não tinha a do Valter Mere, porque só trabalhava de dia. A única saída era voltar o caminho todo e passar pela BR 101, por Fundão, Ibiraju e Aracruz; voltar pela estrada de terra até Nova Almeida e depois pegar o asfalto, porque não tinha a passagem por Santa Rosa: era só pela BR 101. Imagina o cansa-

ço! Você chega cansado de uma viagem longa; do Rio até aqui são aproximadamente nove horas. Tivemos que deixar tudo lá em Santa Cruz. Então, atravessamos de barquinho, fui a um telefone público e liguei para Alberto Cardoso, um amigo que morava em Coqueiral. Ele foi nos buscar. Nós havíamos colocado as malas dentro do carro, trancado as portas e deixado tudo lá na entrada da balsa. No dia seguinte, voltamos para buscar o carro”, contou Paulo César.

Samuel e Lucília fizeram de maneira diferente. Eles já tiveram que dormir do outro lado da ponte porque, ao chegarem a Santa Cruz, a balsa já tinha parado. Deixaram o vidro da janela um pouco abaixado e dormiram no carro.

Certa vez, a balsa do Valter Mere se soltou. O motor parou e, como não havia como segurar o barco, ele foi se desgarrando, se desgarrando... Com a maré vazante, foi sendo levado para mar aberto. Até que outro barco foi rebocá-lo de volta, evitando que os passageiros e carros fossem levados mar adentro.

Aguiar também abordou sobre as condições da estrada e sobre a balsa.

“Foi uma época interessante, porque nós não tínhamos a ponte, tínhamos a balsa. A estrada não era asfaltada entre Coqueiral e a fábrica, nem entre Coqueiral e Nova Almeida. Então, tudo era difícil! Quando tinha muita chuva, isso atrapalhava bastante a gente a trabalhar e também a ir a Vitória. Eu lembro uma vez que eu fui a Vitória, quando as minhas filhas eram crianças, e, na volta, o meu carro morreu dentro de uma lagoa na saída de Nova Almeida. Foi muito difícil eu sair de lá à noite com três crianças.”

Naquela época muitos funcionários moravam em Vitória e, quando não passavam pela balsa, viajavam de ônibus passando pela BR 101. O expediente da obra era das 6h50 até as 18h10. Embora fosse o horário normal, muita gente trabalhava até as 23 horas, e quem morava em Vitória tinha que pernoitar no bairro.

Para esses funcionários, havia três alternativas quando ficavam em Aracruz: Hotel Torre da Praia, Hotel dos Mestres ou alojamentos da própria Aracruz, que “quebravam o galho” para atender os empregados.

Pizzol comentou que o Hotel dos Mestres era o local onde foram recebidos os primeiros técnicos da Aracruz. Aurélio Wakslavovsky e Carlos Goicocheia, entre outros, pernoitavam no Torre da Praia, mas para trabalhar ficavam no Hotel dos Mestres, onde o escritório estava instalado.

David Nascimento, também um dos pioneiros, disse que, quando as

mulheres estavam grávidas, caso houvesse sinais de que o parto ocorreria à noite, os responsáveis pela balsa precisavam ser avisados para que pudessem preparar com urgência o transporte na balsa.

PONTE DE SANTA CRUZ

Goicocheia informou que em 1985 ocorreu a construção da ponte. Sua inauguração, em 1987, veio a facilitar a vida dos moradores do bairro.

“A balsa transportou milhares de pessoas por aproximadamente 10 anos, quando então foi construída a ponte que liga Coqueiral a Santa Cruz.”

Mathias participou do projeto da construção da ponte.

“Eu sou meio ruim para data, mas acho que foi no governo de Max Mauro que a ponte foi construída. Eu lembro que a gente participou do projeto, a gente fazia batimetria lá no mar todo dia de manhã, às 6 horas da manhã e às 18 horas. Eu ia lá medir a maré para eles poderem colocar nos projetos. Mas eu acho que foi em 1984 ou 1985 que eles construíram a ponte.”



Carteira de estudante que ia para Vitória estudar - Arquivo pessoal Marisa Degasperi



Estrada que liga Coqueiral - Aracruz no início - arquivo João Moreira



Balsa de Santa Cruz fazendo travessia - Foto Arquivo Cedoc Fibria



Balsa Santa Cruz - Déc. 80 - Foto arquivo Cedoc



Balsa Santa Cruz - Foto Arquivo Cedoc Fibria



09. Educação

Atualmente, há três escolas particulares no bairro. Duas delas oferecem apenas o Ensino Fundamental e são voltadas para as crianças: Colibri e Saberes. A terceira, o Colégio Darwin, dispõe dos ensinos Fundamental e Médio. Além disso, existem duas escolas públicas: a Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Primo Bitti (EEEFM) e o Colégio Municipal de Educação Infantil Balão Mágico.

A Escola Ativa foi o primeiro estabelecimento de ensino particular no bairro. Ela funcionou, primeiramente, no Torre da Praia e depois em um barracão onde hoje é a Praça da Amizade.

Goicocheia recorda que, depois, a Escola Ativa foi transferida para a praça, sendo toda construída em madeira. Mais tarde, a nova Escola Ativa ganhou um prédio definitivo no espaço onde, hoje, funciona o Colégio Darwin.

“A empresa subsidiava as mensalidades para os filhos dos empregados”, comentou Goicocheia.

Rodrigo Elias e Márcio Goicocheia estudaram na Escola Ativa desde quando ela ficava no Torre da Praia. Eles relatam que chegar à escola era uma aventura. Rodrigo, ao lembrar que havia um ônibus para buscar as crianças, ressalta que chorava muito ao ir para a escola, mas quando chegava lá era uma alegria total.

“Se não me engano, a Escola Ativa saiu do Torre da Praia em 1981, não me lembro exatamente da data. Mas peguei essa fase de transição. Até 1994 a escola de madeira funcionou na área onde hoje é a pracinha. E depois passou para o novo local, na frente do Centro Comercial. Depois veio o Pitágoras e atualmente é o Darwin”, explicou Rodrigo.

Márcio se recorda muito bem de que estudou na escola quando era lá no Torre da Praia.

“Como eu vim para Coqueiral muito pequeno, então eu cheguei a pegar a parte de maternal lá no Torre da Praia. Era como se fosse uma espécie de creche. E tinha uma Kombi que passava nas casas dos funcionários, buscando a gurizada. Depois terminaram de construir a escola de madeira que ficava onde é hoje a Praça da Amizade”, recordou Márcio.

Quanto à Escola Ativa, os moradores consideravam seu ensino de primeira qualidade, possivelmente um dos melhores do Estado. Aguiar disse que suas filhas estudaram na Escola Ativa e passaram em vestibular logo na primeira vez, sem precisarem fazer cursinho.

“E as melhores lembranças são de ter criado as minhas filhas aqui. Elas estudaram aqui até o momento de fazer o vestibular. E para a nossa alegria e boa surpresa, as três passaram em boas escolas lá em São Paulo, na Unicamp e na USP, sem precisar fazer cursinho nenhum, e, vamos dizer, simplesmente com a qualidade da escola que nós tínhamos. Não podemos negar que uma coisa maravilhosa que temos nesse bairro é que as pessoas que têm essa oportunidade dão aos seus filhos uma educação de alta qualidade”, reforçou Aguiar.

NOVO PRÉDIO

Tanto para Márcio quanto para Rodrigo, a mudança da Escola Ativa para onde hoje é o Darwin foi simbólica: estavam todos ansiosos para se mudarem da estrutura da madeira.

“Eu me lembro do dia da despedida da escola de madeira. A gente estava afoito, todo mundo ansioso para ir para a escola nova”, recorda Márcio.

Ele falou que estudou no novo prédio até 1993.

“A escola estava nova, peguei dois anos. Hoje eu vejo aquelas crianças brincando ali na escola, deve ter aproximadamente umas 15 crianças, e você pensa naquele pátio ‘infestado’ de criança. Era assim antigamente. E tem um monte de professores ali que cuidaram da gente”, acrescentou.

Márcio chegou a estudar por algum tempo em escolas de Vitória, como no Colégio Marista e no Salesiano. No entanto, para ele os professores da Escola Ativa eram os melhores!

“Eram os melhores do Estado, porque eles eram conhecidos. A gente ia a Vitória e os professores eram destaque e conhecidos no que faziam e de qualquer matéria, tanto que alguns que saíam da Escola Ativa tinham destaque lá em Vitória.”

“Posso afirmar que a Escola Ativa Coqueiral foi na década de 1980 a até um pouquinho no início da década de 1990 a melhor escola do Estado do Espírito Santo, teve aí quase 1.500 pessoas. Tinha gente que vinha de fora do bairro e se surpreendia com a gama de coisas que havia. A escola oferecia curso técnico, encaminhamento profissionalizante, enfim eu não sei muito dos detalhes. Mas posso afirmar que ela tinha muita qualidade!”, reforçou Márcio.

“A Escola Ativa funcionou por alguns anos no novo prédio, depois mudou

para o Pitágoras. Muitos consideravam a Escola Ativa como uma das melhores escolas do Estado, era referência em muitas coisas, na época”, recordou Rodrigo.

“Antigamente, no início do bairro, existiam só a Escola Ativa e a escola pública, que é a Primo Bitti. O ensino era tão bom que todos gostavam de ir para a escola”, lembra Rose.

“Era a melhor coisa do mundo”, disse. “A gente não ouvia se falar em droga, gravidez na adolescência ou doença sexualmente transmitida. Minhas irmãs estudaram na Escola Ativa, mas eu estudei na escola pública estadual. Adorava estudar lá. Foi uma escolha minha, tanto que meus pais me deram a opção para as duas, mas eu não quis, porque eu sempre gostei de ir para a mesma, então pra mim não tinha diferença”, ressaltou Rose.

Ela comentou ainda que nunca saiu do bairro para estudar.

“Fiz faculdade a distancia e fiz Escola de Artes Fafi. Mas morava em Coqueiral. Fiz isso porque não queria sair daqui. Achei que não seria legal eu sair para estudar fora, porque eu poderia perder o vínculo com Coqueiral, e eu não quero até hoje. Eu não tenho vontade, não consigo sair daqui”, esclareceu.

David Nascimento comentou quanto à educação: “Não tive oportunidade de conhecer algo melhor que a Escola Ativa. No auge da escola, jamais um aluno do terceiro ano ficava fora de uma faculdade de renome no Brasil, e isso sem fazer cursinho”.

Márcio disse que uma coisa que aprendeu na Escola Ativa e levou para outras escolas onde estudou em Vitória foi a importância da cidadania.

“A gente tinha em Coqueiral ensinamentos muito legais na época com a escola, como hastear a bandeira, cantar o Hino Nacional, formar fila. Isso era uma postura de respeito que a gente tinha. Havia lá o professor Vitor, que falava: ‘Todo mundo cobrir’, que era cobrir firme. E ele gritava e ficava todo mundo quieto, como se faz no Exército. Era tudo organizado, todo mundo em fila direitinho. Tinha um aluno que ia lá hastear a bandeira. Dois que eram escolhidos e ficavam responsáveis por guardá-la e tirá-la. Isso eu achava o barato. E uma vez eu fui estudar no Marista, em Vila Velha, e concorri lá a presidente do grêmio. Uma coisa que eu coloquei lá foi fazer o estiramento da bandeira, e os colegas me chamaram de louco: ‘É Exército agora?’. Eu respondia: ‘Não, isso aí é cidadania, é diferente’. Eu sei cantar o Hino Na-

cional completo, sem erro, e aprendi isso na escola. É uma questão de você se inteirar e ir moldando a sua personalidade para que seja um cidadão”, explicou Márcio.

O espaço onde hoje é o Darwin abrigava antes o Colégio Pitágoras, que veio logo depois da Escola Ativa, a qual permaneceu lá de 1995 a 2006. Era uma escola muito boa e conhecida na região, muitos alunos gostavam dos professores e do método de ensino. O Pitágoras era conhecido por envolver a família na educação do aluno. Alguns pais chegaram a comentar que era como se fosse uma “extensão do lar”. O colégio envolvia a família dos estudantes em muitas atividades culturais, como Mostras de Conhecimento, Feiras de Ciências e apresentações de dança e teatro. Muitos alunos vinham de regiões próximas do bairro para estudar no Pitágoras; ônibus lotados chegavam da sede de Aracruz, Mar Azul, Barra do Sahy, Barra do Riacho e Vila do Riacho.

ASPECTO CULTURAL NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Lícia Lucas Cantarella começou a trabalhar na Aracruz Celulose em 1985, na área de Comunicação no escritório da empresa, em Vitória. Ela se mudou para o bairro em 1998, durante um forte vendaval que causou muitos prejuízos em Coqueiral. Os vidros das janelas da escola, Pitágoras na época, e do Clube da Orla foram quebrados; o telhado do Zincão foi arrancado em vários locais; árvores tombaram ou foram arrancadas pela raiz, entre outros desastres. Lícia ressalta que, na sua rua, onde comprou a casa por causa das árvores lindas, todas foram derrubadas pelo vendaval.

Mas, apesar dos problemas iniciais com o vendaval, uma coisa ela não esquece: a educação/criação de seus filhos em Coqueiral.

“Eu mudei em julho, matriculei Larissa quando a escola era na época Pitágoras. Ela amou isso aqui, parecia outra criança. Ela se soltou, porque ia para a escola de bicicleta, tinha autonomia, coisa que ela não tinha lá em Vitória, e para mim foi maravilhoso, perto do trabalho. Podia vir em casa de vez em quando para resolver alguma coisa quando precisasse e depois voltava pra fábrica. Isso foi uma facilidade. Engravidei do Lorenzo quando já estava morando aqui; hoje ele tem 21 anos. E ele também adora morar em Coqueiral. Faz tudo sozinho, chegou a estudar no Pitágoras também, e hoje estuda no Darwin. Em Coqueiral, é muito bom você poder deixar seu filho solto, ter a responsabilidade e autonomia. Eu acho que o indivíduo, quando tem isso, se desenvolve mais rápido. Desenvolve-se intelectualmente, desenvolve o senso de responsabilidade e de cidadania. Mas tudo isso tem que estar perto, para

acompanhar, educar. Isso é fundamental, e eu continuo bastante de olho no que ele faz. Acompanho e vejo com quem ele anda. Isso aí tem que ter em qualquer lugar”, falou Licia.

Um fato ressaltado por Rose e Márcio foi o aspecto cultural no bairro. As escolas costumavam fazer comemorações em dias especiais: Dia da Independência, Dia do Índio, Dia da Árvore e Dia da Família, entre outras.

MOSTRA DE CONHECIMENTO

O Colégio Pitágoras realizava anualmente a Mostra de Conhecimento, para a qual os alunos se dedicavam durante o ano. O evento envolvia muito empenho dos professores e estudantes. Geralmente, as Mostras de Conhecimento tinham um tema específico e eram abertas com apresentações de dança para o público, formado pelas famílias dos alunos e todo o bairro.

O evento envolvia muita cultura e estudo por parte dos alunos. E o colégio ficava aberto para visitação do público em geral. Famílias iam conferir o que era apresentado pelos alunos, que se empenhavam desde o início do ano para mostrarem um excelente trabalho. Era uma a o da escola muito reconhecida no bairro.

ESPORTE NAS ESCOLAS

A Escola Ativa promovia olimpíadas e torneios entre colégios para os filhos dos funcionários, incentivando-os a treinar e praticar esportes. Além disso, o clube realizava olimpíadas e torneios de futebol para os funcionários da empresa.

Márcio comentou que havia uma intera o muito grande entre a Escola Ativa e o Clube da Orla.

“Hoje o clube está quase que desabitado, ou está muito, vamos dizer assim, setorizado. Uns v o l  para jogar t nis, outros para fazer muscula o. Mas o clube era um ponto de encontro das crianças, era como se fosse o segundo turno da escola. De manhã, elas estudavam e   tarde iam lá para praticar esporte. Enfim, tinha gente que ia para almoçar, e l  tinha de tudo. Tinha futsal, vôlei, polo aquático... Então, hoje, o que eu penso é que a minha infância em Coqueiral era sadia, estruturada. Pouquíssimos amigos meus hoje eu sei que não tiveram uma boa estrutura de apoio para encaminhamento profissional”, destaca Márcio.

Ele ainda comenta que no bairro todo mundo se conhecia. Havia

amizade saudável entre as pessoas:

“E pela escola, pelo fato de a gente estudar junto e poder organizar campeonato de futebol de rua, tinha rivalidade dos chifres de ouro contra as ruas de baixo, tinha um time da Ipês que era rivalidade igual a Grêmio x Inter”, lembrou.

Consequiam tudo o que queriam, destacou Márcio.

“Por exemplo: campeonato de futsal, de futebol, de vôlei, corrida rústica. Puxa, tinha uma corrida rústica que a Escola Ativa organizava todo mês e chamava o pessoal da escola pública, e a gente sempre perdia para o pessoal da escola pública. Tinha umas pessoas lá que voavam. Tinha campeonato, até olimpíadas de acender a pira e tudo!”, ressaltou Márcio.

“O fato mais marcante que eu tenho é um jogo de basquete que a gente participou. Foi na inauguração da Arca, em Aracruz. E quer dizer, foi um jogo de inauguração e de campeonato estadual de basquete. E aí foi uma coisa muito legal, porque foi uma semana de jogos e a gente foi ganhando de todos os times até chegar à final com o time da escola Salesiano. A gente no fundo já sabia e esperava, porque na época, e acredito que até hoje, era um time temido e qualificado. Tanto que no ano seguinte eu fui para o Salesiano, eu me mudei de Coqueiral. Mas naquele jogo foi muito legal, porque envolveu as pessoas do bairro. Todo mundo foi pra lá torcer e o jogo foi emocionante porque ganhamos no último segundo, e de virada. Assim, pra gente, estudante, qualquer aluno que estudou na Escola Ativa naquela época vai se lembrar desse jogo”, completou Márcio.

Rodrigo recorda também a importância que as escolas demonstravam para com o esporte no bairro. Ele comentou ainda que, quando a Praça da Amizade, mais conhecida como “pracinha”, foi inaugurada, em 1996, os jovens aproveitavam muito mais as quadras do que atualmente.

“As quadras de vôlei e de basquete eram as mais difíceis de locar porque sempre tinha gente usando”, comentou.

Rodrigo complementou os comentários de Márcio dizendo que tanto a Escola Ativa quanto a escola pública algumas vezes promoviam atividades de educação física na praça, utilizando a pista de corrida.

“Eu fiz muita atividade lá. Em algumas modalidades, a escola pública ganhava. No vôlei ganhava mesmo, mas no basquete a Escola Ativa era melhor.”

O Pitágoras, assim como a Escola Ativa, promovia olimpíadas esco-

lares e torneio entre as escolas da região. O Zinção, que fica no Centro Comunitário Coqueiral (CCC), era o palco das partidas entre as escolas. Muitas vezes os torneios eram disputados entre o Pitágoras e a Escola Pública Primo Bitti. E as partidas eram de vôlei, futsal e handebol.



Time da Ativa - BI Estadual - Márcio Goicocheia



Turma da Ativa - Márcio Goicocheia



Estrutura do Prédio Colégio Darwin em Coqueiral - foto Luiza Medina-2013



10. Segurança

A segurança no bairro já foi considerada de primeiro mundo. Embora ainda haja certa tranquilidade, com vigilância particular 24 horas por dia, isso não ocorre em todo local. Antigamente havia guaritas nas entradas do bairro, próximas dos trevos: uma no Clube da Orla, na subida da rua e outra no CCC. Os moradores tinham mais tranquilidade: não ocorriam roubos, e todos se conheciam e sabiam quem era quem.

Alguns moradores relataram que, quando saíam de férias ou passavam o fim de semana fora, costumavam avisar os guardas para que fizessem segurança reforçada enquanto a casa estivesse vazia. Informavam o dia de saída e o dia da volta. Para aqueles que têm vigilância particular, isso ainda acontece.

Malta, que trabalhou como segurança do bairro, reforçou que havia um sistema de vigilância bastante seguro.

“O bairro era muito bem tratado pela Aracruz. A segurança era 24h por dia, no bairro inteiro. Saía um e entrava outro. Eu lembro que, quando davam 22h, todos os carros de pessoas estranhas eram identificados na entrada do bairro. A segurança procurava saber se estava na casa de parente, se estava vindo visitar algum parente”, relatou.

Um aspecto interessante é que os guardas indagavam qualquer pessoa desconhecida que entrasse no bairro.

“Na época, o bairro era tão vigiado que, para entrar nele, era preciso falar para onde iria. Havia uma guarita na entrada e outra no Clube da Orla. O guarda parava o seu carro e perguntava: ‘Aonde você vai?’ Aí você respondia, por exemplo: ‘Vou à casa do João, na Rua Cerejeiras, 171’. E o guarda perguntava: ‘Você é o que dele?’ E ele ligava aqui para a casa e perguntava: ‘João, a pessoa está aqui e disse que é sua sobrinha (ou cunhada, ou prima...), você conhece?’ E então o guarda te acompanhava para ver se você ia para lá mesmo”, lembrou João Moreira.

Samuel Medina comentou que, muitas vezes, chegava à noite de Vitória, e o guarda sempre o deixava passar. No entanto, certa vez, ao retornar da capital com Lucilia, um guarda novato que não conhecia bem os moradores parou seu carro, perguntou quem eram eles e só os deixou passar após serem identificados. Esta era a norma: só entrava morador identificado.

No passado, as casas tinham os muros baixos, semelhantes às típicas residências americanas e canadenses. Os vizinhos e as crianças tinham liberdade para ir de um lado para o outro.

Lucilia comentou que Pablo Medina, seu filho mais velho, hoje com 36 anos, cresceu no bairro e brincou muito nas ruas.

“Só quando mudamos para a casa onde hoje moramos é que colocamos muro. Quando Pablo era pequeno, morávamos no prédio ao lado do Clube da Orla. Depois, nos mudamos para uma casa, na Rua Alba. Lá não tinha muro, e Pablo se sentia livre. As meninas da rua iam lá em casa buscá-lo para brincar e cuidar dele. E uma vez Pablo saiu, e a Celest, mãe de um amigo dele, me ligou e disse que ele estava na sua casa brincando. Eu nem sabia que Pablo tinha saído de casa. A segurança era uma coisa muito bacana”, recorda.

Os que trabalhavam na manutenção das casas do bairro eram identificados pela vigilância e encaminhados para cadastramento no CCC.

“A gente, por exemplo, trabalhava embaixo de temporais, não podia parar para nada, trabalhei muito embaixo de chuva”, recorda-se Malta.

Rodrigo comentou que quem visitava o bairro ficava admirado com a segurança, principalmente ao ver que chegava a haver um guarda por rua.

“Muitas pessoas viam aquela estrutura de padrão europeu, porque as casas eram todas de muro baixinho e não havia divisão. Então, você praticamente acordava e tomava o café na frente da sua casa e olhava o vizinho também. Todo mundo se conhecia, não tinha perigo. Eu passava o dia inteiro na rua brincando. Às vezes, quebrava o vidro de algum vizinho, e meu pai já estava sabendo; a notícia chegava antes de eu chegar em casa”, lembrou Rodrigo.

Rose também viveu a época de muita segurança no bairro e lembra as guaritas na entrada e no Clube da Orla.

“A segurança era primordial porque em cada esquina tinha uma guarita. E o que mais me chamava atenção e que me chama até hoje é que, se nós estivessemos fora de casa por um tempo grande, os guardinhas nos levavam de volta pra casa, devolviam para os pais, não deixavam a gente ficar até tarde da noite na rua. Por exemplo, eles sabiam onde todos os moradores moravam. Isso é muito legal”, comentou.

Para muitos moradores, a segurança ainda é um aspecto positivo do bairro. Aguiar, por exemplo, comentou que o bairro ainda é relativamente seguro, embora muita gente não valorize isso.

“Mas é uma coisa muito importante na vida das pessoas: ter segurança na sua casa, na sua forma de viver, mas também segurança na forma de andar,

de passear, de sair a pé, fazer seu exercício sem ser atropelado por carro e sem ser assaltado por outras pessoas. Então, acho que esse é um aspecto bastante importante ainda hoje para a vida do bairro”, acrescenta Aguiar.

Goicocheia considera o bairro ainda seguro, e Mathias complementa dizendo que Coqueiral ainda tem segurança e qualidade de vida.

“Apesar de ocorrerem alguns pequenos acontecimentos de assaltos, como houve na minha casa mesmo. Quando saímos um dia, quebraram o vidro e entraram pela janela. Aliás, acho que a pessoa deve ter visto a gente saindo para entrar. Mas isso aconteceu um dia, e hoje tomamos mais cuidado, e ainda temos vigilância. Acho que o bairro ainda é o melhor lugar do Estado para se morar”, reforçou Mathias.

Roberico disse que adorava ver as crianças brincando no bairro e no clube. Os pais às vezes deixavam o filho no clube, sabendo da segurança que tinha naquele tempo, e só buscava no final da tarde.



Crianças com liberdade no quintal - arquivo Cedoc



Crianças brincando no quintal de casa com segurança



Futebol no quintal - Márcio Goicocheia

“Ainda temos uma boa segurança que toma conta do bairro. Mas igual a como era antigamente, eu acho impossível”, declarou Roberico.

Licia acredita que a segurança ainda era boa quando se mudou para Coqueiral. Não havia grades na casa, e ela só as colocou mais tarde porque não havia muro – só uma cerca viva.

“Hoje em dia tem portão elétrico. Você entra e fecha imediatamente, já não tem mais aquela segurança primordial. Minha vizinha de muro, inclusive, foi assaltada pouco tempo atrás. Infelizmente, a violência está chegando aqui também, e a gente não sabe como vai ficar a segurança do bairro com essa expansão desses empreendimentos todos, Jurong e outras empresas. Como é que isso aqui vai ficar, né?”, indagou Licia.

“Então, talvez seja necessário repensar o modelo em voltar a ser com aquelas guaritas que tinha no passado, isolar parte do bairro, colocar vigilância. Eu acho que talvez no futuro seja necessário para quem queira continuar morando aqui”, acrescentou.

Paulo César ainda considera o bairro tão seguro que, quando entra um ladrão em uma casa, torna-se logo notícia que perdura por muito tempo.

“Não tem outro assunto. Mas isso não deve ser considerado como falta de segurança. Infelizmente isso acontece em todos os lugares.”

Coqueiral conta hoje com o apoio da Associação dos Moradores de Coqueiral (Amoc) para melhorar a segurança. Segundo Magda Barcellos, presidente da entidade, os moradores pediram a instalação de câmeras de segurança nas principais vias do bairro.

“As câmeras de segurança vão ser colocadas no bairro, o Governo já repassou algumas. A gente pede aquilo que a população deseja. Os moradores acham que deve ter câmeras de segurança no bairro, então tem uma em frente ao Meridional, que a Prefeitura controla de dentro do batalhão, em Aracruz. E a Associação pediu mais duas câmeras, uma para a entrada do bairro e outra próxima do Centro Comercial, mas também não sabemos onde serão colocadas. A empresa esteve reunida com a Prefeitura para ver o melhor local para serem instaladas. Pedimos uma reforma da praça. A parte elétrica, eles estão melhorando. A iluminação lá em frente ao Darwin, por sinal, ficou muito boa, bonita e mais segura”, esclareceu Magda.

Ana Paula Carmo considera o bairro seguro e cheio de áreas verdes e

onde as famílias estão muito próximas.

“Foi possível aproveitar muito a primeira infância da minha filha em contato com a natureza. Passeando de carrinho, fazendo piquenique embaixo das árvores nas áreas verdes, frequentando as praias de águas rasas”.

Ela comentou ainda que, em Coqueiral, é muito comum para as crianças ir dormir na casa dos amigos, andar de bicicleta na rua, ir brincar na praça ou no campinho. *“Isso é um tipo de infância que não existe mais em muitos outros lugares”.*

Ana Paula disse que sua filha, a partir dos 9 anos, entrou para o Grupo Escoteiro.

“Com isso, pudemos aproveitar ainda mais as possibilidades de envolvimento comunitário e atividades ao ar livre que o bairro oferece. Ter essa facilidade de participar do movimento escoteiro é um privilégio enorme para os jovens do bairro”.



11. Saúde

Os moradores, tanto os novos quanto os mais antigos, relatam que não há comparação entre a época de administração da Aracruz Celulose e a atualidade. Na época em que o bairro era administrado pela Aracruz, a **Clínica Médica do Coqueiral**, que hoje é o posto de saúde da Prefeitura de Aracruz, era destinada ao atendimento da comunidade, com ambulatorios de clínica médica, medicina do trabalho, pediatria, ginecologia e obstetrícia. Havia plantões noturnos e nos finais de semana, com funcionamento 24 horas diariamente.

Em 2013, embora tivesse a clínica que ainda atendia 24 horas por dia, havia poucos médicos; alguns moradores desabafaram que o atendimento era um pouco precário.

Rose Costa, que é agente de saúde no bairro, comentou que o posto de saúde começou a ser construído quando surgiu a iniciativa de se implantar a Cohab – uma expansão de Coqueiral.

“Quando houve essa expansão do bairro, com a Cohab, Sapolândia e Vaticano, entendeu-se que havia uma necessidade maior de um contato com a saúde pública, porque até então era só a privada. E para quem não tinha condição de pagar consulta com médico especializado, na época que a fábrica administrava, tinha que pegar um ônibus. Aqueles que não tinham carro pegavam um ônibus da Aracruz Celulose para ir ao médico especializado em Vitória. A ‘mãe’ Aracruz oferecia até isso para a gente”, explicou Rose.

Ela ainda acrescenta que o posto começou a funcionar com médicos que hoje já não mais trabalham em Coqueiral. Rose explicou a função do agente de saúde comunitário:

“O agente comunitário de saúde passou a existir para tratar a família, sendo o olho da família na comunidade, ajudando a combater e prevenir doenças.”

Voltando a falar da Climeb, alguns moradores com plano privado de saúde questionam seus serviços, que já foram excelência em qualidade. Para alguns, a saúde é motivo de preocupação. Talvez por ser um bairro pequeno, com pequena demanda de pacientes com planos particulares e com fácil acesso a Aracruz, o serviço da clínica não tem recurso suficiente para atender a emergências.

Aguiar comentou que, quando tiver mais idade e precisar de mais recursos na saúde, talvez não os possa encontrar em Coqueiral.

“Talvez, quando eu ficar mais velho, precise ir para uma cidade maior, mais pela questão da medicina. O pronto-socorro do bairro não está preparado para grandes problemas”, completou Aguiar.

Outros moradores pensam da mesma forma. Mathias, por exemplo, acha que o serviço da clínica não está preparado para casos de emergência.

“A clínica também não está boa, a empresa Fibria (hoje Suzano) ajudava com uma quantia, mas ainda assim o serviço está precário, porque está difícil manter as condições da clínica. Eu até comentei com a Nora, minha mulher, que se a questão da clínica não se resolver, a gente vai ter que dar um jeito. Não podemos morar em um bairro em que a ambulância mais próxima está a 20 km. Clínica, para ser bem atendido em uma emergência, não tem. E se acabar com essa estrutura da clínica, talvez mudemos para Vitória. A idade está chegando e não dá para arriscar, você tem que morar perto de um grande centro. Quando se é novo, pode-se morar em Coqueiral, porque não tem nenhum problema. Mas, quando se é mais velho, é bom estar perto de um grande centro, onde haja mais recursos. Então, por isso, estou lutando com o pessoal para continuar mantendo essa verba para que não acabe com a clínica”, explicou Mathias.

Malta também se recorda de que o serviço da clínica era muito bom.

“Eu lembro que a gente tinha um plano de saúde muito bom, a nossa clínica era maravilhosa.”

Hoje, o local em que funcionava a clínica, tornou-se Posto de Saúde do bairro, administrada pela Prefeitura de Aracruz. Por alguns anos, permaneceu fechada. Foi uma demanda da comunidade a sua reabertura.

O Posto de Saúde não tem ambulância 24 horas, porém, no início de 2021, foi instalada uma base do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU 192) que, segundo a Prefeitura de Aracruz, funcionará 24 horas por dia com equipes de profissionais de saúde, como médicos, enfermeiros, técnicos em enfermagem e condutores socorristas que atenderão às urgências de natureza traumática, clínica, pediátrica, cirúrgica, gineco-obstétrica e de saúde mental da população.

CLÍNICAS ODONTOLÓGICAS

Havia algumas clínicas odontológicas no bairro. Uma era da empresa e funcionava anexa à Clínica Médica. Era destinada aos funcionários da Aracruz Celulose e ao tratamento odontológico preventivo dos escolares do bairro na faixa de 4 a 12 anos de idade. Outra funcionava no Posto Médico Municipal localizado nas proximidades do reservatório de água. Tinha atendimento médico e odontológico gratuito para necessitados, administrado pela Prefeitura Municipal de Aracruz.

Outras clínicas particulares, que existem até hoje, oferecem serviços diários e, em alguns casos, atendimento noturno.

Maria Luiza Folli, uma das primeiras dentistas do bairro, acredita que Coqueiral poderia ter melhor atendimento na área da saúde, como clínica com bons médicos e pronto-socorro bem equipado: *“Existem bons médicos; o que nós precisamos é de uma boa infraestrutura, investir mais na saúde, porque o que eu vejo muito é que as pessoas comentam e reclamam da área da saúde”*, ressaltou.

Hoje, sua filha Julaian Folli, também dentista, atende no bairro, no mesmo consultório da mãe. Juliana se formou em Vitória, onde também tem um consultório. Ela conta que é muito prazeroso prestar atendimento em Coqueiral, onde conhece muitas pessoas e já conquistou pacientes. É uma das filhas de Coqueiral. Saiu para estudar e voltou para o bairro.



Foto: Secom PMA



Base do Samu - 24h em Coqueiral



12. Economia

Segundo Rose Garcia, corretora de imóveis que tem mais de 20 anos de mercado imobiliário, o município de Aracruz cresceu muito economicamente. A cidade e a orla estão bem desenvolvidas. Coqueiral tem hoje aproximadamente 7 mil moradores.

Aguiar, que foi presidente da empresa por 11 anos (1998 até 2009), ressaltou que a Aracruz Celulose, agora Suzano cresceu quase cinco vezes desde 1980.

“Isso trouxe um progresso grande para a região. Novas empresas apareceram por aqui. Temos a Imetame, a Tecvix e a Estel, como empresas nascidas em função da Aracruz Celulose. Evidentemente que isso gerou mais riquezas e mais empregos para a região.”

“Tem empresas como a Canexus e a Evonick que estão ali na Barra do Riacho e são empresas de médio a grande porte, algumas mundiais que estão aqui na nossa região, do nosso lado. Então, acho que é marcante você morar em um lugar em que a maior empresa cresce cinco vezes em poucos anos. É muita coisa para o progresso da região”, explicou Aguiar.

Quem trabalhou na Aracruz Celulose e participou de seu avanço, como Pizzol, reverencia a empresa. Para ele, a Aracruz foi uma escola, um aprendizado: *“Uma verdadeira aula de trabalho que tivemos, foi muito bom mesmo!”*. De certa maneira, Coqueiral contribuiu muito para o desenvolvimento da região. Em razão do bairro, a Prefeitura começou a olhar mais para a orla e dar apoio para vilas que necessitam de maior atenção como Santa Cruz, Barra do Sahy, Barra do Riacho e Vila do Riacho.

“Tudo contribuiu para melhorar. O município de Aracruz deve o nome e o desenvolvimento à Aracruz Celulose. Mas o bairro com isso ajudou muitas outras regiões, o município também cresceu muito em função tanto do bairro como da empresa, com os impostos, com os empreiteiros que vieram e deixavam o INSS, ou outro tipo de contribuição, com as microempresas e assim por diante. Foi um fator de desenvolvimento regional muito grande”, explicou Herval.

SETOR IMOBILIÁRIO

Rose Garcia, a primeira corretora de imóveis da região, declara: *“Estou no bairro desde 1985. Fui a primeira pessoa a vender casas, e acompanhei as vendas dos imóveis pela Aracruz Celulose, na época. Na verdade, quando eu cheguei ao bairro, não havia mercado imobiliário, porque Coqueiral pertencia à empresa Aracruz Celulose. Ninguém podia comprar nada nem alugar. E não*

havia uma cultura no município de colocar o imóvel para vender numa imobiliária, até porque não existia nenhuma aqui e eram todos pertencentes à fábrica. Abri a corretora em setembro de 1993 e, nesses 20 anos, acompanhei o projeto de expansão da Aracruz Celulose, hoje Suzano, a construção da Evonick, que era Degussa, da Canexus e de outras empresas. E agora a construção do estaleiro e do terminal de gás da Petrobras, que é a TA-BR. É muita coisa, e eu participei vendendo e alugando para todos os colaboradores”.

Para Rose Garcia, muitas mudanças ocorreram:

“Na verdade, acredito que eu inspirei muitos corretores que vieram depois. Antes de mim, ninguém teve coragem de entrar no mercado assim, no escuro. Ninguém sabia como seriam a recepção e a aceitação das pessoas. No início, logo quando a empresa começou a vender as casas para as pessoas, os proprietários vendiam diretamente e não colocavam na imobiliária. Isso existia na capital, no interior não. Quando eu montei a imobiliária, as pessoas começaram a procurar saber e houve uma aceitação muito boa e uma confiabilidade por parte das pessoas que já me conheciam no bairro”.

Rose Garcia acha que o que está acontecendo na região é um momento único.

“A instalação de um estaleiro de grande porte, que está trazendo várias outras empresas, aumentou muito o movimento na região.”

E, como corretora, ela acrescentou que houve um grande aumento, principalmente na área de locações de aluguéis de casas.

Rose acredita que o “boom” imobiliário que está ocorrendo no município vai permanecer por muito tempo ainda. Além da instalação do estaleiro da Jurong, há grandes empreendimentos como o da Imetame, o ponto multimodal, a Nutripetro, o Centro Capixaba de Logística e outras empresas que vão se instalar no polo industrial.

“Isso tudo aumentou muito o movimento em todos os setores, não só no imobiliário, mas também em todos os outros. Na verdade, todos os segmentos da economia do município ganham e vão crescer. Agora, é necessário que o município se prepare para esse crescimento, porque isso tem um custo”, comenta a corretora.

Ainda segundo Rose Garcia, o preço médio de locação pela Jurong está em torno de R\$ 2 mil – para imóveis mobiliados e dois anos no mínimo – e isso está sendo bastante atrativo para investidores do setor imobiliário.

“Para nós que somos proprietários de imobiliária, está sendo um momento excelente. Houve um aumento muito grande na procura de casas para alugar, mas a venda também dá aquela alavancada porque muitas pessoas que têm imóveis ou outros interessados, também diante desse quadro de muita demanda, resolvem investir em imóveis para destinar à locação”, complementou Rose.



13. Paisagismo

Algumas pessoas que chegam de fora ficam encantadas com a preservação ambiental no bairro, que é cercado por Mata Atlântica preservada. Na escola, os alunos ficavam admirados quando viam macaquinhos pulando nos galhos das árvores. Muitos moradores alimentam os animais que aparecem, disponibilizando frutas nos jardins das residências.

Aguiar tem uma vara que recebe os saguis e micos que atravessam da mata para a sua casa. Em outra área do bairro, foi instalada uma “praça de alimentação” para micos e pássaros: os moradores deixam frutas, e pássaros de diversas espécies aparecem para comer. É muito bonito! Em outros locais, como o Clube da Orla e o CCC, os animais chegam a comer frutas diretamente das mãos das pessoas.

Duas das coisas que atraíram alguns moradores a viver em Coqueiral foram o ar puro da natureza e essa grande área verde que o bairro oferece. Licia Lucas comentou que escolheu morar na Rua Robusta por ter muitas árvores.

“A rua que escolhi morar foi a Robusta, porque era igual a um bosque. Foi a rua que mais me encantou de primeira. Mas eu dei um azar, porque no ano que comprei, em 1998, ocorreu um vendaval muito forte no bairro, e caíram praticamente todas as árvores das ruas. Mas depois fomos recuperando aos poucos. Com a ajuda dos vizinhos, replantamos as árvores na rua, e ela ficou bonita novamente”, explicou Licia.

“Mas o paisagismo não se compara com o da época da Aracruz. A fábrica tinha uma empresa terceirizada que fazia a administração do bairro e o deixava impecável. Hoje não é a mesma coisa, sem dúvida. Mas eu acho o bairro ainda muito bonito. A gente tem muitos passarinhos e muitos animais. Ainda que não seja 100% bem cuidado, mas ainda é cuidado se você for comparar a outros bairros do município, Coqueiral ainda é um privilégio. A Prefeitura gasta bastante dinheiro para cuidar de um monte de grama que tem no bairro. Isso aí não tem em lugar nenhum. Se você for a Vitória, você não tem um bairro que tenha metade de área verde que esse bairro tem”, completa Licia.

Uma lembrança que fica para os moradores é a época em que a Aracruz Celulose fazia a manutenção do bairro, com ruas limpas e jardins bem cuidados. As pessoas comentaram que a empresa se preocupava com o paisagismo que, após a mudança para a PMA, não foi mais o mesmo.

“O mais complicado foi o paisagismo do bairro. A gente fez várias reuniões com o Primo Bitti, que era o prefeito da época, para poder engrenar, porque

era uma loucura a Prefeitura assumir essa limpeza de paisagismo, como fazer corte de grama e cuidar do jardim do bairro”, comentou Mathias.

Para Magda, presidente da Amoc em 2013, a comunidade demanda melhorias no bairro, e entre elas se destaca o paisagismo de Coqueiral. Ela deseja que os moradores se preocupem com o futuro e que não esperem que a Prefeitura faça tudo.

Paulo César, assim como a maioria dos entrevistados, acha que, *“depois que o bairro passou para a administração da Prefeitura, muita coisa mudou”*.

“Tem coisas que são os jardineiros particulares que fazem, por exemplo, cuidar do jardim das casas. Aí eles aproveitam para cortar a grama e arrumar do lado de fora, porque a Prefeitura demora muito tempo para cortar e limpar a área externa”, declarou.

Rose Garcia disse que hoje está tudo por conta do poder público. Como a maioria dos empreendimentos está na orla ou próximos a ela, Coqueiral é afetado diretamente. Como o progresso está em nossa porta, a Prefeitura tem que rever as questões de saneamento básico, paisagismo e gestão ambiental, principalmente.

Para a dentista Maria Luiza, que algumas vezes vinha de Vitória para trabalhar em Coqueiral, a paisagem que avistava pela janela do ônibus compensava o cansaço da viagem.

“Eu tinha muita alegria em vir para Coqueiral, eu vinha toda segunda-feira. Eu não me sentia cansada nem enjoada, porque vinha com muita alegria. Olhando de longe toda aquela praia, era tudo maravilhoso. A gente sempre pegava uma carona de volta para Vitória. Mas era uma satisfação poder vir para o trabalho, deslumbrando-se com uma visão fantástica que é este Coqueiral”, destacou Maria Luiza.

Rodrigo e Rose Costa, que passaram a infância em Coqueiral, também destacam que muita coisa mudou no paisagismo desde a época em que o bairro era administrado pela fábrica.

“Foi um impacto muito grande, porque era tudo perfeito, o paisagismo era bonito demais, as casas eram padronizadas e os jardins, muito bem cuidados. Tanto o jardim das casas, como o do bairro”, lembrou Rodrigo.

Ele complementa dizendo que hoje é totalmente diferente.

“Para mim, o que mais mudou e foi muito marcante foi essa fase de transição sobre quem cuidava do bairro, da Aracruz Celulose para a Prefeitura de Aracruz.”

Rose Costa destaca a arborização.

“Antigamente não existiam essas árvores grandes como hoje. Eram todas pequenininhas, tanto que a gente não conseguia subir nas árvores ainda, porque eram todas pequenas. Mas o que acho interessante é que, nas penínsulas, tinha parquinhos de graça que a própria Aracruz colocava e que com o tempo foram sendo destruídos, sem serem repostos. Isso foi sendo extinto e hoje nesses locais existem alguns campinhos abandonados”, expôs Rose.

Os moradores comentaram sobre os parquinhos abandonados pela Prefeitura. Na Praça da Amizade, havia um “parquinho” doado por Mackenzie, uma menina canadense que gostou tanto do bairro que acabou dando esse presente. Embora já houvesse um parque, os brinquedos estavam enferrujados e abandonados. Mackenzie substituiu os brinquedos por melhores e mais novos.

Rose falou também que mudou muita coisa.

“Trata-se de paisagismo, considero que Coqueiral está depredado. Isso é doloroso de se ver, porque se você vir o que foi Coqueiral e o que é hoje, é uma tristeza. As árvores e gramas estão morrendo por falta de cuidado. Elas estão sendo cortadas porque a Prefeitura não dá conta de manter tudo aparado, e isso também prejudica porque o mosquito da dengue vem com força. Os locais, quando não ficam limpos corretamente, propiciam o aumento para o uso de drogas, acho que tem que ter um monitoramento disso no bairro.”

Apesar disso tudo, a tranquilidade faz com que os moradores ainda queiram permanecer em Coqueiral.

“Essa natureza que cerca o bairro dá um aspecto bucólico, essa sensação de que você está na civilização, mas que você também está num lugar que é meio roça. Essa paz da natureza nos transmite uma tranquilidade. E eu acho que isso para mim é a coisa mais fundamental”, opinou Licia.



*Macaquinhos no Clube da Orla -
Luiza Medina - 2013*



*Área verde em Coqueiral -
foto Luiza Medina*



*Pica-pau do bico amarelo -
Luiza Medina*



*Moradores alimentam os
animais - Luiza Medina*



*Esquilo no espaço de
alimentação - Foto Pedro Araújo*



*Ninho de beija-flor em árvore no
quintal de casa - foto Lucilia Medina*



14. O futuro do bairro

Ao longo do livro, tivemos contato com lembranças e comentários de vários moradores de Coqueiral sobre assuntos de interesse da comunidade: segurança, paisagismo, economia, saúde, infraestrutura e educação. Eles tiveram a chance de falar sobre o passado e compará-lo com o presente de Coqueiral. Veremos agora o que esperam do futuro.

Paulo César comentou que o progresso pode trazer coisas boas, mas que, no caso de Coqueiral, há de se ter muito cuidado.

“Mas que progresso é esse?”, indagou. “O que de bom o progresso pode trazer para Coqueiral que os moradores atuais já não têm? No caso de aumentarmos o bairro, só haveria vantagem para os novos moradores que chegam, para os comerciantes e para os construtores, que lucrarão muito com novos empreendimentos”, acrescentou.

Alguns preferem que Coqueiral não cresça para que não venha a perder suas características de bairro desenvolvido e com alta qualidade de vida. Paulo César deseja que o bairro não cresça mais ou que, no mínimo, tenha seu crescimento retardado ao máximo, até porque não há para onde crescer devido às terras pertencentes aos indígenas.

Para Herval Pizzol, Coqueiral em 2013 estava limitado ao espaço físico.

“Hoje, você praticamente está cercado pelos índios. As áreas passíveis para a expansão da Fibria (hoje Suzano), se ela quisesse crescer um pouquinho em relação à área de preservação, seriam as matas. Destruir essas matas agora seria um crime, porque elas são lindas, ajudam o meio ambiente da região. Então, Coqueiral vai ser um local mais de descanso de família, daqueles que já moram ali, com raras exceções de crescimento, expandindo um pouquinho mais para fora, por exemplo Santa Cruz e Praia dos Padres, que ainda têm algum pequeno espaço para crescer”, explicou.

Pizzol esperava ainda que a Prefeitura olhasse mais para o bairro. Em 2013, ele desejava que a Prefeitura se atentasse para questões simples sem que a população tivesse de pedir por esses serviços, como a limpeza do bairro.

“Espero que a Prefeitura olhe com mais cuidado para o nosso bairro e que os moradores preservem este bairro maravilhoso”, complementou Pizzol.

Por outro lado, Rose Garcia é a favor de um crescimento ordenado, com qualidade e bom planejamento.

“Com muitas empresas vindo para Coqueiral, não tem jeito. Para onde vão as pessoas que chegarem?”, indagou.

No entanto, ela concorda com Paulo César que o bairro não pode perder suas características e qualidade.

“Todo progresso gera custo e investimento, porque o município tem que investir nessa infraestrutura para poder atender a população que vai chegar. Não basta ter só progresso, tem que desenvolver, mas com planejamento. Isso tem um custo social. A segurança que tem que ser revista, como saúde, educação e essa infraestrutura toda para sustentar quem for chegar.”

Aguiar disse que já vê muita gente de Vitória começando a comprar ou a construir casa no bairro.

“Eu diria que o bairro tende a crescer, não numa velocidade muito grande, o que é bom. Ele tende a crescer com mais gente, principalmente se houver uma duplicação ou melhoria das estradas. Mais gente que mora em Vitória ou em Jacaraípe vai querer morar em Coqueiral.”

Assim como Rose Garcia, ele acredita que o bairro ainda tem espaço para se expandir sem perder as características.

Outro aspecto importante destacado por Aguiar é que, morando em um bairro menor, você encontra mais solidariedade humana. A gente faz amizade com mais facilidade porque há conhecimento e confiança, e isso é um ponto positivo que deve ser conservado em Coqueiral.

Pedro Araújo, mais conhecido como Pedrinho, complementou Aguiar. Ele espera que, para o futuro, caso Coqueiral continue crescendo, haja a mesma segurança e a mesma proposta de antigamente: um bairro bonito, com bastante natureza, sem poluição, com pessoas amigas. Que não perca isso e continue sendo este bairro bonito e legal onde gosta de morar.

“Na minha rua, por ter muitos moradores antigos, nos tornamos amigos. Se falta alguma coisa em casa, a gente vai ao vizinho e pega com ele, e a gente vai fazendo empréstimos assim, é muito legal! A amizade e solidariedade dos moradores antigos são ainda grandes. Espero que, com o progresso, não se perca isso”, disse Pedrinho.

“O futuro será a compra, por parte de grandes empresas, do Clube da Orla e do Zinção, para a construção de um condomínio fechado a fim de aumentar a demanda de obras no bairro. O imóvel está caro em Coqueiral porque não tem oferta. Tem casas que custam um milhão de reais”, comentou Mathias.

“Mas acho que a gente vai ficar capengando com a Prefeitura para manter tratamento de água, paisagismo, limpeza urbana”, acrescentou.

Rose Garcia comentou que era sócia de um empreendimento que tinha planos de construir um prédio com 32 apartamentos na entrada do bairro novo.

“Mas, na verdade, o nosso prédio iria ficar no cantinho e não incomodar ninguém. E seria um prédio de alto luxo, uma coisa bacana que acho que iria valorizar o bairro. Só que eu entendi a posição da comunidade, porque, se todo mundo fizesse da forma como nós iríamos fazer, com capricho e bom gosto, uma coisa bem elaborada, que só iria valorizar, tudo bem. Mas nem todo mundo parte por esse caminho. Existem pessoas que só visam ao lucro e não se importam com a qualidade”, explicou Rose Garcia.

Rose acrescentou ainda que entendeu o medo da comunidade.

“Entendemos a preocupação da comunidade, porque se abrissem um precedente para a gente que estava dentro da lei, e seria um prédio de nove andares, outras pessoas poderiam construir novos andares em suas casas, ou seja, elas poderiam demolir a casa e fazer predinhos de qualquer jeito. Exemplo: construções desordenadas e sem qualidade. Nós abortamos o projeto porque entendemos a posição da comunidade.”

Moradores que pegaram a infância de Coqueiral desejam que no futuro o bairro permaneça como no início.

“É uma coisa impossível, mas queria que Coqueiral voltasse a ser como era antes. Eu gostaria muito que as questões de segurança e paisagismo fossem mais bem vistas pela Prefeitura e pelas autoridades políticas. E que os moradores do bairro sejam menos individualistas, não tem mais aquela educação e costume de cidadezinha do interior, que eram bem legais. Cuidar mais da questão do lixo é um outro desafio que deveria ser lançado e ser trabalho de conscientização, porque é um lugar pequeno e bonito e dá para torná-lo melhor. O que espero para o futuro é isso”, explicitou Rodrigo.

Graziela Frigini, esposa de Rodrigo, acredita que, com a chegada da Jurong e outras grandes empresas haverá um impacto no bairro.

“Eu acho que não vai ser muito bom, porque vai trazer muita gente de fora. Acho que vai impactar o bairro todo. E não sei se o bairro vai ter estrutura para receber mais moradores. Se eu fosse escolher, eu preferiria que não fosse construído o condomínio”, expôs Graziela.

Rodrigo concordou com a esposa e afirmou que preferiria que o bairro se mantivesse como está hoje: sossegado. Porque a chegada de gente de fora pode ter um aspecto positivo, mas também pode apre-

sentar um lado negativo, se não houver crescimento na infraestrutura, saúde e educação.

Rose Costa é a favor de um crescimento ordenado, com qualidade e bom planejamento.

“Com várias empresas vindo para a região, não tem jeito, para onde as pessoas que chegarem serão levadas? Mas que cresça assim, sem perder a qualidade, as características e principalmente a arquitetura. Tem que crescer com qualidade e planejamento, construir, por exemplo, uma casa com projeto”, completa Rose.

Além disso, Rose fala que Coqueiral deve mudar muito com a chegada de empresas grandes na região.

“Eu penso que Coqueiral vai mudar muito com a chegada da Jurong. A chegada vai acarretar tanto benefícios quanto malefícios, porque muitas pessoas de fora que não conhecem o bairro vão entrar aqui e visualizar uma coisa que eles nunca viram e vão querer morar. Coqueiral não está preparado para receber muita gente. Não temos condições de atender as pessoas com a unidade de saúde no bairro. Nós temos mais de 5 mil pacientes para serem atendidos. Então, acho que esse número vai dobrar, e a Secretaria de Saúde precisa investir na prevenção da saúde desse povo”, acrescentou Rose Costa.

Márcio, que também passou a infância no bairro, acha que não vai haver nada no futuro. Ele não tem expectativas porque acredita que Coqueiral não tem como expandir. Aliás, “não precisa expandir”.

“O que o bairro precisa é de se estruturar, precisa qualificar a massa humana, qualificar as pessoas que vivem nele. Qualificar é entender quem é que mora aqui, para que servem essas pessoas que estão aqui. E isso é de todas as idades. Identificar a qualidade das pessoas daqui.”

Márcio citou o meu caso como exemplo:

“Você poderia ser a jornalista do bairro, mas, para isso, tem de haver estrutura. Tem que ter gente, coisas que te façam ficar aqui, e isso tudo vai se movendo junto.”

Ele diz não ter perspectivas para o futuro, por enquanto.

“A única coisa que vejo de bom é a Amoc, a Associação de Moradores de Coqueiral, que realmente promove algumas coisas, mas é muito pouco apoiada. Não tem muita participação dos moradores. Antigamente, tinha grupos de teatro. Já passou da hora de voltar com isso de novo, já tinha que ter uma

faculdade boa. Não vejo possibilidade de crescimento do bairro. Ainda bem que tem algumas empresas no Coqueiral que geram e proporcionam emprego para moradores. Mas ainda são poucas”, explicitou Márcio.

Magda Barcellos, que era presidente da Amoc, em 2015, concorda com Márcio ao dizer que falta melhorar a participação popular no bairro.

“As pessoas não participam de quase nada. A Amoc fica na dificuldade de organização social do povo. Mas nós temos para o futuro da comunidade a Praça da Amizade para ser reformada, que acho que dará um grande incentivo para a prática de esporte. Na Oficina de Artes, estamos com oficina de violão, e vamos voltar a dar oficina de teatro também.”

Profissionais de saúde, como a dentista Maria Luiza, esperam que o bairro melhore nessa área de atendimento e em outros aspectos, como o paisagismo.

“Por exemplo, do lado da minha casa, tem um bosque que é a coisa mais linda, mas precisa podar um pouco as árvores, plantar.”

Ela deseja mais atenção da Prefeitura para a preservação da área verde do bairro.

Comentou que adora viver no bairro, onde teve a oportunidade de criar seus três filhos, e que nutre grande consideração por alguns moradores que se tornaram grandes amigos.

“Eu espero que o bairro continue este lugar lindo e maravilhoso, cheio de pessoas maravilhosas e queridas. Hoje também tem pessoas novas e muito legais que chegaram, e nós estamos aqui à disposição para continuar ajudando por muito tempo. Acho que vou ficar velhinha e vindo aqui no consultório, cuidando dos dentinhos dos meninos e dos pais também. Então espero que o bairro cresça, mas se desenvolva com muita infraestrutura”, disse Maria Luiza.

Priscila Srebro, considera o bairro um lugar bom para criar seus filhos.

“É isso o que me mantém aqui há tanto tempo. Sinto falta de trocas culturais e certas facilidades que encontramos em grandes centros urbanos, mas a segurança e qualidade de vida que aqui encontro falam mais alto e correspondem aos valores que busco para a criação de meus filhos”, destacou a paulista.

O Tião é um outro morador que também veio para trabalhar na Ara-cruz Celulose e acabou ficando e escolheu o Coqueiral para criar os seus três filhos.

“Amo este bairro. Aqui eu criei os meus três filhos e fiz muitos amigos. Aqui é o melhor lugar pra viver e criar filhos. Temos uma vida tranquila em relação ao resto do estado e até mesmo do Brasil. Meus filhos cresceram aqui, jamais se acostumaram em outro lugar. Temos aqui muitas atividades ao ar livre. Tranquilidade pra ir e vir”.

Tião finaliza com a seguinte dica: não importa o quão maravilhoso é o lugar onde você mora, mas sim o que pode fazer pra torná-lo melhor ainda.

Ana Paula Carmo também não conhecia Coqueiral até vir trabalhar na Aracruz Celulose.

“Entrei na empresa como trainee, onde trabalhei por 14 anos na área de meio ambiente e pesquisa florestal. Quando vim morar no Espírito Santo, nem procurei outro lugar para morar, vim direto para Coqueiral porque foi “paixão a primeira vista” pelo bairro”, comentou.

Ana complementou dizendo que sente orgulho do bairro.

“Sinto que é um privilégio morar aqui e gosto de mostrar detalhes e preciosidades do bairro para todo mundo que vem de fora. Curto muito andar de bicicleta pelo bairro, entrar nas trilhas, ir às praias, passear na praça, ouvir o canto dos pássaros toda manhã, ir ao clube, participar de grupos comunitários, e muitas coisas que só dá para fazer aqui em Coqueiral”.

Creusa e Marquinhos também acreditam que Coqueiral tem muito ainda para se desenvolver, porém não querem que perca as características de bairro limpo, seguro e aconchegante.



15. Conclusão

A ideia de escrever um livro sobre o bairro do Coqueiral surgiu no penúltimo período da faculdade de Jornalismo, quando tive que definir meu objeto de pesquisa. A princípio eu havia pensado em elaborar uma revista, mas depois cheguei à conclusão de que um livro possibilitaria um trabalho mais abrangente.

Já para o e-book, a ideia veio a partir do artigo que apresentei no meu curso de pós-graduação “Comunicação Integrada e Novas Mídias”. Elaborei um artigo sobre os desafios enfrentados por um escritor novato para publicar um e-book. Para esse trabalho, consegui entrevistar escritores que desenvolveram esse produto e dono de editora on-line a fim de apurar o que se deve fazer para lançar um livro digital. Tudo isso contribuiu para colocar em prática o meu projeto com a Prefeitura de Aracruz, por meio da Secretaria Municipal de Turismo e Cultura (Semtur) e da Lei Aldir Blanc. Missão cumprida: eis aqui o meu e-book com a história do bairro Coqueiral.

O tema, eu já havia determinado: seria relacionado à história do bairro onde tinha vivido. Durante o estágio que fiz no Faesa Digital (portal de notícias da faculdade), tive como supervisor Hesio Pessali, que, além de ser um amante da natureza, permitia que fizéssemos matérias sobre assuntos diversos. Na ocasião, aproveitei para escrever sobre o Coqueiral.

Certo dia fiz um ensaio fotográfico para o site do Faesa Digital. Lembro-me perfeitamente de que estava em Coqueiral e tive a ideia de tirar fotos do local e, ao mesmo tempo, escrever um pequeno texto sobre o bairro. Foi a partir daquele momento que me dei conta de o quanto Coqueiral é importante para mim.

É possível observar que o livro segue uma sequência cronológica e que os moradores entrevistados foram fundamentais para cada capítulo. Durante as entrevistas, pude tirar conclusões das histórias contadas por eles e, como já sabia o que escrever, fui elaborando um roteiro.

Após finalizar e ordenar os capítulos, dei-me conta de o quanto é difícil escrever um livro: requer muito esforço, dedicação e estudo, e nada é feito da noite para o dia. No entanto, fico feliz e realizada por ter feito o resgate histórico do bairro e por poder apresentá-lo.

Durante a elaboração do livro, pode-se notar a dificuldade dos pioneiros e suas conquistas ao longo dos anos até chegar ao que o bairro é hoje. Com infraestrutura própria, sem depender da Aracruz Celulose, que foi uma verdadeira “Mãe”, o bairro se encontra sob a administração da Prefeitura de Aracruz.

A princípio, meu objetivo era entrevistar oito moradores entre os

mais antigos, os chamados “pioneiros”. Porém, ao longo das entrevistas, constatei que seria necessário consultar um número maior de pessoas, e a cada nova entrevista foram surgindo outras e mais outras, o que foi positivo: pude acrescentar informações que não poderiam ter sido obtidas apenas com oito entrevistados.

O interessante foi observar que, durante as entrevistas, as opiniões sobre determinados assuntos eram parecidas e cada entrevista complementava as anteriores. Muitos moradores tinham o mesmo ponto de vista e alguns acabavam por citar outros entrevistados durante suas falas. Considerei essa atitude muito positiva: demonstrava a consideração e apreço que uns tinham pelos outros.

Coqueiral é a minha primeira casa. Foi o lugar onde fui criada ao longo de toda a infância e onde passei parte da minha adolescência, só deixando o bairro para estudar em Vitória. Hoje valorizo muito mais Coqueiral do que na época em que nele morava. Costumava questionar, assim como alguns outros moradores, sobre a falta de opções de lazer, e não havia muita coisa que um adolescente pudesse fazer.

Hoje, no entanto, vejo que não há o que se reclamar da minha infância e parte da adolescência. Cresci cercada pela natureza, adoro este lugar tranquilo, onde é possível ouvir o canto dos pássaros e ter contato com outros animais. É o lugar que procuro para fugir do estresse urbano.

Nos encontros com minhas amigas de infância, recordamos nossas histórias no Coqueiral, e isso contribuiu para enriquecer alguns capítulos do livro, como a seção referente à cultura e lazer. Foi no Clube da Orla onde mais aproveitei minha adolescência: treinava vôlei, passava o dia na piscina com as amigas e malhava na academia. Além disso, algumas vezes frequentava também o Centro Comunitário do Coqueiral (CCC), outro clube do bairro, e a Praça da Amizade, famosa pracinha local que também aproveitei bastante.

Cada capítulo que eu escrevia despertava lembranças das histórias que ocorreram durante os 18 anos em que vivi no local que admiro e pelo qual tenho muita consideração. Ao entrevistar as pessoas para o livro, fiquei contente por ver que algumas reconheceram e ficaram felizes ao saberem do meu trabalho. Durante as falas das pessoas, percebi que alguns entrevistados também recordaram bons momentos e sentiram essas mudanças. Algumas pessoas mais próximas da minha família comentaram as boas lembranças que tinham. A Maria Luiza, por exemplo, recordou-se das fotos que os filhos dela tiraram comigo quando eu era pequena. Ela, que é muito amiga da minha mãe, disse que sua maior

alegria é estar sendo entrevistada por mim, uma menina que ela conhece desde que nasceu. Disse também que está feliz em poder me ajudar no trabalho de faculdade e se sente realizada em ver que as crianças que ela conheceu estão hoje se tornando profissionais.

Creusa, que trabalhou durante vários anos na minha casa, também se sentiu muito gratificada em poder contribuir com o meu trabalho. Ela e seu marido, Marquinhos, agradeceram a consideração e o carinho para com eles. E finalizaram a entrevista com frases que muito me emocionaram.

O livro *Coqueiral de Aracruz: histórias que contam a história* foi a forma que encontrei para retribuir o carinho e a atenção de todos os moradores entrevistados que contribuíram para este trabalho. Todos foram muito receptivos e atenciosos. Muito obrigada a cada um!

Luiza Medina.



Luiza Bressanelli Medina

é jornalista, filha de Samuel Medina Poblere e Lucília Bressanelli Medina, nasceu em Aracruz, Espírito Santo, em 24 de dezembro de 1991.

A ideia de fazer um livro-reportagem com a história do bairro Coqueiral de Aracruz surgiu no último período do curso de jornalismo. Por ter muita consideração com o bairro no qual foi criada durante toda a infância e onde passou parte de sua adolescência, a autora resolveu homenagear o bairro e seus moradores.

Em 2015 publicou a primeira edição. Já a atualização do livro em formato digital, com o e-book, o objetivo é para ampliar o acesso das pessoas ao livro com a história do bairro. Para isso, resolveu atualizar as informações e transformar em e-book.

Muitas pessoas que moraram no bairro e hoje vivem em outras cidades ou estados e até mesmo países, desejam adquirir um exemplar do livro. Mas para enviar o livro físico, acaba ficando um pouco caro. Com o e-book, a pessoa vai poder ler onde estiver.

ISBN: 978-65-86888-03-4

CD



9 786586 888034



Secretaria de
Turismo e Cultura



PREFEITURA
ARACRUZ
www.aracruz.es.gov.br

